

PORÉTICA EDITORA

AO DESBARATO

SILVA CARVALHO

Este livro é o terceiro de uma trilogia que começou com o livro AO ACASO, seguido do AO VIVO, para acabar neste AO DESBARATO.

A ideia do autor será incorporar estes três livros num só volume com o título EPOS.

Silva Carvalho

PORÉTICA EDITORA

AO DESBARATO

SILVA CARVALHO

1

«A televisão, cada vez mais perto do verbal ser»,
foi como acabava o livro *Ao Vivo*, texto de que mal
se lembra. Reconhece agora que o momento de dizer
uma outra estação da vida chegou, eis pois o inicial
despojo da língua, uma oitava periclitante a viver
a excitação do começo, balbuciante, débil sinal
do que não sabe o que virá, mas é da escrita aflita
esta demora na consciência, esta hilariante desdita.

2

Que dizer? Que a vida passa?... A vida advém asa
de nenhuma metáfora que se preze, ora é uma tarde
ora é uma manhã, algumas vezes a noite cai na casa
onde vive, um apartamento vulgar, e a música arde
um mundo transeunte, transiente, mas o que o abrasa
transparece mais como a necessidade, sem alarde,
de qualquer coisa inexistindo e respirando, essa luz
sem origem nem fim, essa língua em que se traduz.

3

Sabe pois que vive mas ignora o que está a viver: é
um homem, sempre o foi, mas agora a ávida velhice
que se aproxima aproxima-o, cada vez mais, e pé
ante pé, da alacridade que sempre almejou. Ultrice
uma voz cancela-o para melhor pressentir do que é
o que poderá ser: um momento que passa, a tolice
de um sentimento (trata-se de outra coisa) solto
que se dessente por tanto se sentir canto revoltó.

1

4

A relação que se produz canto do mundo modifica a memória da vida transacta, nada foi do que foi, sabê-lo coloca-o numa situação que só o prejudica, a invenção de uma medida medindo-o quase destrói qualquer veleidade de história, e mesmo se estica este conceito fica apenas o que sempre fica e dói: seu corpo, a história visceral de uma experiência vivida entre a alienação e o fervor da inteligência.

5

Mas isso importa? Há uma música, vai sempre haver uma música ao longo destas estâncias rudimentares, ao longo destes dias. Uma voz inexplicável, sem ter origem no poder profético de arrazoados oraculares, sem imagens, sem essências, sem conceitos, irá ser a companhia, uma canção ressoando pelos avatares de uma outra dimensão da sensibilidade, um rebote da consciência para quem não desconhece o dislate.

6

O que diz? Não é mistério, mas não é um mistério porque ninguém sabe sê-lo: o que nos diz vai muito além das palavras, revolve num outro hemisfério, numa ausência que se anuncia presença no gratuito desejo de se ouvir o que não pode ser mero cautério ou apologia do dito, e assim expresso este fortuito dizer se fez realidade como a que, vivida canção, na realidade perpassa como a mais exigente acção.

7

Acção de uma feliz e imponderável disponibilidade ele permanece aceso e vivo no vislumbre do mundo, os sentidos uma deiscência absoluta e ágil, a idade colmatando a experiência necessária do errabundo deslizar do tempo, que poderá haver aí de verdade?, é a pergunta óbvia que se faz, faz-se pois profundo questionar, como se no corpo falho existisse a hora capaz de intuir a fértil memória do que se ignora.

8

Que se passa à sua volta? É alta manhã. Assim cede ao dia coevo a possibilidade de ser a configuração das várias manhãs que vibram naquilo que excede de longe uma síntese, levanta-se, elo, na afirmação da carnal energia, a luz leve que o instiga sucede na inata narrativa como o começo da desocultação, ir ou não ir, eis a nova questão, e sem saber salta para onde o onde não é lugar, mas o que lhe falta!

9

É alta noite. Na sala de estar fria, a televisão nua crepitando ainda uma luz audível, ele sente chegado o momento de se deitar sobre a cama quente, a rua escura como uma solidão sesga, o silêncio elevado a sensação da alma, uma calma febril de quem sua cada acontecimento como se houvesse, confirmado, o sentimento de que a eternidade é um jogo eterno para quem se promulga parecer do mundo moderno.

10

É tarde, mas sempre o é quando alguém pretende trazer à língua a experiência de uma existência. É, sem dúvida, Primavera para quem condescende em ser mundo e no testemunho investe a presciência que nenhum dizer é capaz de sugerir. Ele estende com um sorriso nos lábios uma mão aberta, ausência é a própria língua com que se escreve e faz a vida, presença viva onde as coisas procuram guarida.

11

Como pois começar? Mas ainda não começou?! Não sabe o quê! Aliás quem é quem?, pensa, e desde logo, desde que alguém se pôs a escrever o claro diapasão de um estranho ritmo, ritual voraz em brando fogo. Ele ignora quem o escreve. Está, é sua a presunção, convencido que é ele próprio no incandescente jogo das linguagens, mas muitas vezes julga que alguém se insinua na sua consciência como mais ninguém.

12

Quem? O mundo? A história? As ideologias coevas? Ou só a impossibilidade idiossincrática? Certo, mói esta tensão ávida entre quem se ousa plenas trevas da ignorância e a ânsia vívida pelo que se constrói palavra a palavra, uma incapacidade feita de sevas imagens onde a fatal comparação, se não se destrói na contradição, contradiz o desejo inato e perigoso em que se edificam as ilusões do génio ingluvioso.

13

Por conseguinte, admite, é pela manhã maravilhosa
que deve começar este canto, a noite esvai-se feliz
ou infeliz no fim do que quer que seja, laboriosa
maneira de se visualizar e dar a experiência matriz:
dizer do mundo o princípio e o fim, ignominiosa
nostalgia que impera ainda nos sentidos, branco giz
com que se desenha um desígnio, uma vetusta visão
que se fundamenta sem qualquer válida confirmação.

14

Levantado ciranda pela casa muda, a cozinha, a sala
de estar, o quarto de banho enorme: o apartamento
onde agora habita é realmente novo, numa escala
sempre relativa do tempo. Foi com inaudito talento
que mulher e filha decoraram o espaço vital, fala
pelo menos agora o seu inesperado contentamento,
pois é com prazer que vive nesta casa, a luz solaz
introduzindo-se na sensibilidade em que se perfaz.

15

A luz da Primavera prima, e premeia, por ser a voz
insubstituível da junção da terra com o salaz sol,
ei-la quase cegueira e como ele a ressentida, a foz
onde desagua a boa disposição, um eluvial arrebol
sem significação, um fértil clarão, um ardor feroz
felicitando-se por tal sorte, vivê-lo agora crisol
como se fizesse sentido sentir, quase transparente,
seu corpo onde a carne dóida aspira a ser ausente.

16

O corpo, apetece quase dizer e di-lo, é a verdade mais ignorante da carne. Não é, e nunca mais será o mesmo. O tempo trabalha-o e elege-o na maldade quase objectiva com que inexiste, o que houve e há é a passagem, um paulatino não ser da ébria idade que avança e progride como se só houvesse uma má gestão, em termos sempre humanos, do tempo ido como do tempo que advém para logo ser perdido.

17

Ah!, mas a luz, diz, exclama, exulta em silêncio, a janela dando para a rugosa rua, a rua dando nua para o país em que vive e finge, a luz convence-o que tudo é viável, possível, até uma vida, a sua, e enquanto observa a rua o rude silêncio vence-o desfazendo-se em ruídos do fortuito fora, acentua uma intimíssima disparidade, estar no meio, olhar de homem em dispersão ancípite, disjunta, singular.

18

O que vê? Automóveis estacionados. Vagarosa gente que se move, que vem, entra e sai, gente passando por gente, a humanidade, reflecte triste, consente até um tom irónico à evocação drástica, mas brando é o pendor crítico dessa vaga emergência, só sente que tudo poderia ser diferente se, e pleno, pando, esse *se* resta-lhe nos lábios como inútil indecisão, como dor do que se inaugura em suspeita suspensão.

19

Se esta gente quisesse, ousasse mudar de vida, diz mais do que pensa ou sente, profere quase material do tanto sofrimento que o zurziu e feriu, se, feliz por estar a realizar alguma coisa, esta meridional gente quisesse apenas querer, ousasse, como país, tomar o seu destino em mãos, o mádido, inaugural mundo seria outra coisa, outra coisa seria agora esta anónima hora, um prazer na própria demora.

20

Não quer. Não sabe. Não pode. Medita, que fazer quando a engenhosa alegria é tanta, como sintonizar o desejo que nele nasce com a luz lúcida, este ser mais do que o homem que é, este quente esbracejar que é sem dúvida mais do que o mais de um qualquer ser ou não ser, esta energia célere capaz de mudar a própria noção de mudança?! Sentir e viver assim é sentir-se ser humano desprovido de um mundo afim.

21

Dirige-se à cozinha, busca e acha o comprimido, enche um copo de água, engole a melíflua medicina para a diária tensão arterial, um exótico zumbido percorre-lhe a consciência, ouve a ruidosa buzina do automóvel que passa, regressa lerdo, desvalido, para a surda sala de estar, estranha a adrenalina que o faz aproximar-se, ávido, de algumas revistas vindas de paragens onde fincou e afinou as vistas.

22

América, América, América, se houve berço é nela que o começo faz sentido, a cultural anterioridade, foi nela que descobriu a única tradição, a janela capaz de lhe transfigurar a intuição, a realidade dessa outra coisa que pressente, o acto, a cidadela inexpugnável, um espaço inefável onde a qualidade do tempo se fez icástica temporalidade, descoberta que destruiu a odiosa metafísica da ideia diserta.

23

O tempo presente, à falta de novas vozes ou novos livros, é de releitura, põe com isenção uma lenta mão numa *boundary* 2, hesita, a revista dos povos que pretendem emancipar-se é quase uma ferramenta fundamental, só que agora procura, arfante, novos motivos para forjar, em livro, uma escrita atenta, uma revolução que não passe só pela abstrusa acção política, mas política seja de uma outra expressão.

24

Por isso procura e procura, um furo, uma passagem nesta fronteira (tradução ambígua de *frontier*), por isso lê e relê, talvez algures encontre na viragem de um caminho um caminho diferente, a saída, por isso não se cansa de calcorrear e dizer a mensagem do possível, o que foi pensado e foi escrito, por isso mesmo é quem é, um homem perdido à procura do que realmente cura, a única aventura da aventura.

25

Pega numa *New Literary History* chegada ainda há pouco, alguns artigos desinteressantes, mas a teoria atrai-o, o pensamento fá-lo sentir e vibrar. Como já alguém lhe disse, e bem, de nada lhe vale a poesia se não conseguir intuir e ouvir nela o que não está ou foi dito, essa outra coisa, uma fala, a outra via em sinal e signo de ser, se for ainda possível dizer assim o que se perfila como inconcebível aparecer.

26

Aqui há uma pausa. Houve uma pausa. Aqui. Anos decorreram, mais de uma boa quinzena. Descobre agora, estupefacto, as estâncias perdidas, os panos de fundo de um tempo abreviado no acaso pobre de uma plena estadia, que fazer com esses planos? Que fazer pois com o que não foi feito? Um nobre movimento da emoção breve leva-o a viver o desejo de retomar essas páginas dando-lhe um novo ensejo.

27

Mas será possível? Mas será desejável? A poeira apodrece já sobre o que foi e não foi, o sentido do que perdurou nessas estâncias é uma fogueira extinta, o instinto vivo e metódico está perdido, como regressar ao que nunca foi uma clareira? Que encontro possível com um passado urdido de tentativas e de acções especulativas? A vida permitirá uma história na memória de outra vida?

28

Não. Melhor será regressar ao futuro, ao momento em que o tempo não é tempo, melhor será perceber que não há nada a fazer, que nenhum mudo lamento poderá reviver ou advir a assunção de um outro ser saído de onde não há saída. Melhor o afastamento da presença insubstituível para melhor reconhecer a tarefa impossível. Mas regressar atrás, pensa, aturdido ainda pensa, será somente uma doença?

29

É, sem dúvida, uma doença. Esta velha civilização sobrevive de ilusões como a memória, a sofrível história, mecanismos factícios da vaga divagação em que se ilumina, mas foi o império horrível o que a fez mover durante séculos na divulgação de um poder bárbaro, reles e sempre desprezível. Que fazer? Um olhar molhado deixa a dorida obra cair na gaveta. Mas não será mais uma manobra?

30

Aporia. Fechamento. Alalia. Surdez. Clausura. Pressente no entanto qualquer coisa a querer ser coisa, um fazer do não fazer, a zelosa aventura do verbo escarificando o corpo, ouve-o a dizer e sussurrar estas palavras escritas, uma cultura nascendo de uma outra cultura, um desentorpecer do passado dévio passando a movimento presente, uma voz inevitável aceitando o que não consente.

31

Que fazer? Mas que fazer? Incapaz de se decidir perde-se na louca confusão, repugna-lhe contudo ter que contar uma história, um estafado ir e vir que a nada leva, nem para achega de um estudo futuro do que é a vida agora e aqui, pois o porvir é, por definição, o inventor imbecil do conteúdo que mais lhe aprouver do passado, e ignorará de todo o que não lhe interessar, o que é e há.

32

Histórias são o que mais há. É ver a televisão debitando evasões tolas em forma de séries disto e daquilo, essa pornografia é virtualmente tão naturalizada que ninguém dá por isso, é um misto de perversão civilizacional e de estigmatização de um qualquer pensamento contemporâneo, isto que passa por entretenimento, isto que trespassa como pestilência lambendo as gentes na desgraça.

33

Mas tudo está bem. *All is good*, com azedume, ironicamente, canta Bob Dylan. É o lúrido preço que se tem que pagar, assistir à perda do lume que, com certeza, nunca existiu como arremesso de uma humanidade incapaz de se libertar, cume talvez impossível de se alcançar, que o recesso do homem é uma incógnita, e a incógnita é medo de uma responsabilidade distraída no folguedo.

34

E assim vai o mundo, cada vez mais desimpedido na sua arrogância, outros escravos e senhores dão, a quem sofre a realidade, um inóspito desmentido que não atinge a compreensão, que fatal divisão divide o homem, que real clivagem? Desiludido com a ignorância que o contempla, vê na reflexão ainda vestígios de uma esperança desmesurada, melhor mesmo é desistir dos homens e do nada!

35

Democracias, dizem os habituais bajuladores, dor em toda a parte, dor na maioria da humanidade. Mas para quê senti-la como sua, se nem o ardor consegue sobreviver ao descalabro, à inanidade? Para quê interiorizar a doença num lívido labor do seu corpo traumatizado? Antes a animalidade concebida como uma impossibilidade de redenção, de uma prática, antes a alegria como realização.

36

Onde está? Onde vive? Quem é? Quem é quem nesta afluência da questionação inútil e amarga? Por que não agir como os outros, com desdém pela inteligência ou pela estupidez? Já que larga parece ser a justificação para o que é, um aquém desprovido de qualquer desejo de além, a carga que se transporta às costas, a degenerescência do que nunca foi, possivelmente, uma essência.

37

Basta! Basta de tanta indecisão. Basta de tanto paleio! Pega nessas páginas dispersas e apaga num gesto demolidor o que as consome: canto terrível do canto, já foi tempo o tempo da saga, agora nada mais resta que o que resta, encanto de restos e réstias de uma luz perdida, a chaga que atravessa hoje em tumultos a consciência, a consciência que não entende mais a coerência.

38

Abandona esse começo dúbio de relato na gaveta transida. O tempo das literaturas acabado, findo, ferido pela tecnologia que substituiu a caneta pela virtualidade das imagens, um vaivém indo e vindo de encontro à mediocridade, a gorjeta esperta que o capitalismo oferece ao bem-vindo escravo desejoso de alienação como de cegueira, a poeira que se atira aos olhos, e de que maneira!

39

Mas sente-se despossuído, miserável, combalido. Onde não há leitores para a humana experiência não deixou de haver escrevedores: importa o lido quando todo o corpo anseia pela escrita, ausência do mundo como é em presença de um mundo tido por muitos como o único mundo, o da urgência, o da paixão, o da porética actividade, da saída para uma outra realidade mais próxima da vida?

40

Que lhe importa que não haja hoje olhos para ler!
Eyes without a face, foi uma canção, invertendo
a asserção poder-se-á concluir, se o hábito é ver:
faces sem olhos! Resta-nos pois ouvir o estupendo
efeito da língua, a sua magia convulsa, o dizer
da inexistência convulsa abeirando-se, tremendo,
dos nossos lábios, como se quem murmurasse fosse
de um outro universo trazendo-nos uma voz doce.

41

Vozes que desejam ser ouvidas, essas falas que são
autênticos desvios do ser, a estranha descoberta
de uma greta hiante na intensa e vasta imensidão
do nada, galáxias de sons subtis, a porta aberta
dando para a integridade física da contradição
da matéria, esse sopro, esse vagido, essa oferta.
Que importa que não haja leitores quando quem
escreve lê, ouve, é o que fica aquém como além?

42

Só a música existe porque inexistente! Só o ausente
apela! Tudo o mais são filosofias baratas, a falha
e o falhanço da história, da memória como ente
absoluto de uma covardia diante da só batalha:
viver só fará sentido quando o sentido presente
deixar de ser biológico para advir o que baralha.
As cartas nunca foram lançadas, o perigoso jogo
da vida e da morte tanto poderá ser ser como fogo.

43

Não haver um plano para que possa ser reescrita esta deplorável desmedida que é viver, não haver uma direcção que sobreviva em palavras, aflita desdita em que se encontra e me encontro, ser vive de que duplicidade, e que língua é erudita? Não haverá haver em haver? Ou só há desprazer, desânimo, dor, confusão? Por que ponta lhe pegar se não há ponta nem pontes? Terá que inventar?

44

Mas o quê? Um vórtice e um redemoinho saídos das simbologias metafóricas? Uma outra filosofia quando as filosofias são hoje discursos despidos de qualquer razão ou naturalidade? Quem desafia o nada? Que se pode esperar do ser? Os perdidos enganos da arrogância humana?... Uma paralisia descomunal apodera-se da língua, uma comovente lágrima não sabe se é água, se é sal ou só diluente.

45

Não, não há nada a fazer. Tarde demais. A fala não encontra uma voz, só a abstracção distante percorre os escaninhos dos caminhos, quem cala dizem que consente, mas o quê? Que quê ovante é agora civilização? Que destino instante o abala numa comiseração imperdoável? O tempo errante perde-se num anonimato contraditório, que fazer do fazer? Que dizer do dizer? Que salvar do ser?

46

Quem, como ele, já morreu, que poderá da morte dizer ou testemunhar? Nada. O coma é um apagão, reabrir os olhos foi como uma alucinação forte culminando num reconhecimento, eis a sofreguidão do mundo, seus objectos e suas coisas, o desnorte momentâneo, a incredulidade, a tímida desilusão: sentir-se e saber-se vivo, ei-lo, sujeito novamente ao sofrimento que sempre sobrevém cruelmente.

47

Não, não tem sorte. Morreu indolor no hospital gratuito para amanhecer no corpo velho e dorido, que faz agora aqui, entre a consciência congenial e o inenarrável passar do tempo? É bem sabido que o castigo não perdoa. Mesmo se, racional, refuta tal truísmo e sua tradição. Sempre perdido em congeminacões abraça-se à dor e ao segredo: haver em quem o é homem o medo do degrado.

48

Falsos alarmes, falsas esperanças, falsos apelos. Cada dia que transcorre corre no apogeu falso do dia, o que sente não são mais puros desvelos, o que pensa não calcorreia a reflexão no encalço de uma verdade apetecida, outros são os zelos que o instigam a ir insanavelmente de percalço em percalço pelos desvios da duvidosa negação onde nenhuma experiência se abstrai em noção.

49

E no entanto, infelizmente, nada disto é loucura.
Nenhum Hölderlin o habita ou se abeira, infeliz,
como a presença do que é inexcedível e sem cura,
o que lhe acontece não possui uma viável matriz,
acontece na eclosão de mimetismos e na soltura
quase intelectual de uma estesia que colhe a raiz
do mal no seu corpo, na sua carne, na sua ubíqua
ausência: ser e estar onde a dor é mais conspícua.

50

Um pouco de paz, pede a quem não o pode ouvir.
Um momento de serenidade frente ao fecundo mar,
o clarão do sol aquecendo-o como se só no porvir
um carinho fosse possível. Um momento singular:
sentir-se um nada impossível pulsando no sorrir
de uma bonomia que o tornasse mais que familiar.
Pulsando num sol que o abrisse como a uma flor
incapaz sequer de imaginar a existência da dor.

51

Um odor que fosse, mesmo se breve, da felicidade
que o evita de desdita em desdita, um odor sentido
na sua essência voluptuosa, esse sol de uma idade
ainda sem universo porque sem haver, o iludido
abraço de uns braços onde a pele na sua suavidade
pudesse consumi-lo num empolgamento devolvido
à sensualidade bruxa, esse desejo honesto, nascer
concebido para lamber o corpo seduzido do prazer.

52

Uma penugem dessa poalha que gravita no espaço da harmonia, apalpar o tempo, uma criança vista na luz que se faz ouvir na memória de um regaço, uma mão aturdida pela presença quase calculista desse momento, desse minuto, um indelével traço na tessitura febril da carne, a alegria imprevista de um assomo quase sonolência, quase paz, pairar na displicência de tudo, ter asas para poder voar.

53

Quanto não gostaria de sentir como uma ausência a presença petrificada do seu corpo insuportável, ser num segundo relaxado o fora da contingência, a adorável intuição do mar e do sol, a exorável perda dos sentidos sentida como uma confluência de todos os sentidos, insentidos embora na afável congeminção do desejo de nada, o mais prolífico e porético de todos os sons, esse eco magnífico.

54

Sonhos. Devaneios. A realidade não faz ofertas. A realidade dita o que acontece. Acontece haver, em muito do que se vive e diz, ilusões de abertas num céu abissal onde a tempestade não quer saber o que se passa com o homem que habita as certas e incomensuráveis regras de um caos onde o poder nada mais é do que a arbitrariedade de um acaso colidindo com a esperança de não haver um ocaso.

55

Perdido pela sintaxe esdrúxula deste pensamento percorre sem olhos os tempos urdidos na avidez do tempo, esse enigma, esse mistério, o lamento lacunar de uma desrazão razoável na mesquinhez de tudo que foi, de tudo o que é. Lívido momento, a vergonha que sente por ser e ter sido, na acidez e sordidez do mundo, um homem, um ser incapaz de alcançar o quer que seja, e muito menos a paz.

56

Mas o que o desfaz é o que o reúne. Há um ponto em que a realidade surpreende a própria realidade de um destino sem destinação nem contraponto, em frente não jaz ou subjaz nenhuma animosidade nem nenhuma alegria, em frente o feliz confronto, a ousadia, dar mais um passo, dia a dia, a vontade manifesta de abrir caminho onde não há uma clara luz nem um caminho, mas apenas a presença avara.

57

Death is not the end, clama a canção consoladora. Só espera que na morte haja mesmo o fim, e assim tudo fique de uma vez resolvido, a dor malfeitora finalmente um nada, um alívio, impensável confim onde nenhum horizonte saberá o que é a ablutura mentira, ser e ser mundo, onde nada possa de ruim acontecer ao que deixou de existir, esse inefável onde nenhuma língua descobrirá um sopro amável.

58

Voltar atrás, passar à frente, passar de frente em frente como se a sua vida pudesse confrontar o quotidiano dos gestos gastos, uma nodosa mente nada mais precisa do que uma pragmática, o altar onde se imola hoje um capital decapitado no ente contraditório que inculca derisão e medo, alijar terrível das consciências que ignoram o que fazer para depois poderem destruir o ser e o não-ser.

59

A lei será sempre a do mais forte. Valerá a pena alicerçarem-se democracias disto ou daquilo, isso a que chamam políticas disertadas, se se condena a ideia de uma sociedade de iguais, se um mortíço estremecimento introduz a inveja, se quem ordena mascara-se de povo, essa mistificação, um feitiço que enfeita o ocidente de direitos e de defeitos, a entidade fragmentada em interesses imperfeitos?

60

Que dia é hoje? Que hoje trará um amanhã? Quem é quem?, é a pergunta reiterada. Uma nuvem alada desenvolve-se no céu descritivo. Haverá um além nesta narrativa que não pretende ser contaminada por uma sempre criminosa história? Ou, de desdém em desdém, ficar-se-á sempre aquém, na desesperada distorção do sibilino cicio implorando à sensação a culminação de um sossego e de uma compensação?

61

La vie ne fait pas de cadeau! Surge-lhe ao ouvido
essa expressão estrangeira na irrupção inviolável
de uma experiência passada, quem é hoje será tido
por quem foi ontem, será essa a ideia miserável
de uma identidade onde chafurdam, no consentido
mimetismo das nações, as filosofias, a roda amável
das opiniões e das convicções? Estupefacto olha
em redor, eis a verdade purulenta onde se molha!

62

Mas sente que a música dos dias preenche a casa,
compreende vagamente que algo o subsume onde
mais lhe dói, uma inesperada alegria, astuta asa
sussurrando: Viver não faz mais sentido! Esconde
a sua perplexidade na complexidade onde extravasa
o momento, pensa, não haver diante de mim a fronde
de uma árvore da vida! Não haver paz! Viver não
faz mais sentido, viver é o sentido, cicia a ocasião.

63

Que sente ele para que a língua o devolva aberto
como uma visão anagógica? Que mundo o dilacera
com palavras que parecem trazer à terra o desperto
desprendimento de uma aurora? Quem desespera
no que avidamente espera? Há o longe, há o perto
que o desflora, que mais há da voz que o oblitera
subitamente como se estivesse a cometer um crime,
que verso terei que escrever para que tudo rime?

64

Não há resposta. Nunca houve resposta. Posto assim o problema, que resta a quem se espevita a olhar pela janela nem realista nem mítica? Rosto de quem, quem o fita? Não, é mesmo ele, não evita essa metamorfose do sofrimento, a vida foi mosto de insofismáveis fascínios, agora o rosto palpita como se o sol que o acende ascendesse ao clamor de uma quentura na brancura apaixonada do amor.

65

Que está a sentir? Um calor anistórico fulmina seu corpo numa ardência apetecível, será prazer o que sobe e desce na carne estarecida? A fina neblina não o impede de consubstanciar o poder do sol, seu amigo e seu inimigo, falha a doutrina que pudesse explicar essa contradição, melhor ter em consideração as ambiguidades do pensamento, as limitações que o definem como parco alimento.

66

Melhor ficar-se pelo que não fica, o tempo traz como leva momentos de uma alegria intempestiva, melhor sentir-se sol nesta terra povoada da edaz mendicidade dos recursos, melhor saborear activa a carícia de uma natureza na natureza que perfaz em si uma união indubitável. A alegria decisiva em que perdura é como se ser fosse um sendo ido e vindo, uma extraordinária aventura do sentido.

67

Uma música despedida de qualquer ideia de musa interrompe-o no que o alcança, a dança é um repto que não pode ignorar, balança-se no corpo que usa como uma acrobacia, e se lhe parece quase inepto o desvelo de uma atitude que o surpreende, abusa do momento como se não pudesse ser um adepto de uma vileza ou de uma crueldade, a animalidade que o inventa intenta assim trazê-lo à humanidade.

68

Por quanto mais tempo? A serra reflectida no olhar é de um verde apocalíptico, disparete!, a matéria não possui uma razão ou uma sensibilidade, amar nunca poderá ser explicado por nenhuma deletéria ciência que se arrogue à arrogância fútil de domar uma realidade ou uma concomitância, mas a séria determinação do mundo não deseja outra coisa, ser um cálculo e um negócio, a cumplicidade o poder!

69

Olha até deixar de ver, vê uma distância, um vulto perdido numa dimensão da terra, hoje que dia é, amanhã que dia será? Será possível que num culto estúpido as gentes se possam perder pé ante pé na procura do que não poderão alcançar? Inulto, sem saber porquê, desconhece a filosofia do «até». Até que um dia não haverá mais distância na ânsia de compreender uma serra, uma paz, uma infância!

70

Sim, porque deste apartamento onde não edifica
nem elabora uma habitabilidade faz-se horizonte,
em pleno sul, a serra escabrosa que o mortifica
ou o enleva consoante a ocasião vivida, uma ponte
que não encerra uma passagem: um ponto implica
que estética quando a sensibilidade está a monte?
Quantos apartamentos não foram a última casa,
quantas casas se perderam num fogo que abrasa?

71

Em quantos países não viveu o espectro amissível
de um lar, o último lar? Quantas voltas não deu
no enleio quase pueril de uma procura, iniludível
modo de ser mais do que o que era? Que colheu
de tanta experiência pelo mundo? Um indestrutível
mimetismo capaz de se organizar num amoroso eu?
Tempos que se foram fora de qualquer dimensão,
resta do que resta a réstia fremente de uma paixão.

72

O que é a vida? O que é o tempo? Em que lugares
da terra poderia ter deixado o achado da presença,
de si a si, de si a quem nunca foi? Velhos esgares
de um esforço inaudito espalham-se, sem licença,
no seu rosto torturado pela imensidão dos lares
que procurou fundar, em nenhum deles a intensa
experiência do que foi foi mais do que uma oculta
fala debitando o clamor de uma pretensão estulta.

73

Mas agora é que é o agora. Nada mais é. Agora terá que viver a dimensão de um perplexo existir, nem dentro nem fora de quem é, pois há, na hora que se desmembra na hora, a capacidade de se rir de tudo o que lhe aconteceu pelos anos, outrora terrível de uma perda de tempo, ao acaso, ir e vir do que advém sem que se saiba como ou porquê. É necessário dizer-se o que se pensa, o que se vê?

74

Ei-la que chegou, como sempre chega, a presença real de um mundo que não sabe apreender. Pudesse ele passar despercebido nas convulsões da intensa vibração da contemporaneidade, se viver coubesse na mão de uma consciência inconsciente da doença que sempre foi, se o horror de ser não lhe dissesse uma estúpida ausência, haver seria apenas o custo a pagar entre o nada e o tudo de um diluído susto!

75

Em que pensa? Uma infinita misericórdia alcança nele uma pueril manifestação do descuidado saber. O que sente? Que sentir talvez não seja uma dança que se possa constantemente dançar. Que é viver? Sonhar que não se está a sonhar? Duvidosa aliança entre o que é e não é. Sem conseguir compreender o mistério de haver deixa-se levar na elucubração mais escandalosa, quem porá fim a tal devassidão?

76

Que se passa no mundo? O mundo não passa. Mundo de configurações mudas faz-se a mentira da história, convenções de datas e de negociatas, um furibundo escarificar na carne dos povos imbecis, uma escória de acontecimentos onde jamais se elucidou o fundo, restando apenas da invencível carnificina a memória pífia de uma qualquer idealidade social que jamais soube o quer que seja de um impulso sempre a mais.

77

Mas onde estão as pessoas? Trabalham. Civilização espúria que faz rir ou chorar, nada mais ofereceu aos homens que tortura e sofrimento, há uma razão, dizem, para que as coisas sejam assim, esclareceu alguém alguma vez algum direito, algum dever? Não somos todos, e apesar de tudo, só animais, o «eu» não prefigura uma ilusão de identidade? Que nós há em nós capazes de nos atarem ao que é e foi e será?

78

Eis o problema que ninguém ousa ou quer resolver. Há quem goste de trabalhar. De se sentir ocupado, de andar daqui para ali como uma formiga ao viver a sua fatalidade instintiva, há quem faça o elevado elogio do fazer, ninguém se preocupa com o poder e as consequências da riqueza que cria. O amado patrão (pai e papão), dá-lhe um ordenado, é bom fazer-se parte de uma tribo, não é bom ser-se bom?

Estúpidas meditações que não chegam, infelizmente, a ser estúpidas! Houve uma vida, há uma vida, será uma pergunta estulta e obscena aquela que patente não tem a coragem de formular? Simples. Haverá ainda por quanto tempo uma vida? A vida presente será ainda uma realidade concebível? A ausência já foi uma realidade, um indesmentível e vazio nada, nada como se desaparecer para se conhecer o nada.

Que não conheceu. Onde esteve nem a língua podia ser ou deblaterar. Não havia língua. Não há morte onde nada há. Ou não há. O pensamento arde, ardia alguma coisa no mundo da inexistência? Saiu forte de onde não há saída? Houve um engano, a estadia teria que continuar uma vez acordado. Odiosa sorte, ter passado para o outro lado e não ter nele ficado! Pensa como se já não houvesse pensar. Eis o fado!

Tudo poderia ser mais simples, diz-se, a sensível sensibilidade tentando animá-lo, mas a redundância não abre caminhos nem sendas nem torna visível o que se esconde onde melhor se vê a abundância da realidade. Existirá? Ou tudo é o inverso risível do que é, esta amostra inqualificável da substância de que se fazem os dias, os anos, o tempo abissal onde gravitam os astros num universo descomunal?

82

Já tentou elaborar uma física da metafísica oclusa onde o ocidente estrebucha sem respostas, passou horas a meditar uma origem desoriginal, a difusa materialidade da ideia fabricando o que eclipsou a realidade com os seus truísmos, mas a intrusa argumentação não se alçou ao pensar, antes roubou à história um momento de sedução especulativa. O universo não se desvincula da sua prerrogativa:

83

Nada dizer ao dizer humano. Haver ou não haver nunca será uma verdadeira questão. O impossível não se permite uma matemática ou uma intuição, ver com olhos de ver não é uma injunção, é a perecível maneira com que não se sabe abordar o acontecer infinito do mundo no seu acontecer, insubstituível deslize do tempo ignorante que atravessa a fissura desmedida da inteligência na sua falível abertura.

84

Mas há alegrias. Quase êxtases. Com a Primavera, depois de um ano de chuva num Inverno infeliz, começam os afazeres, plantar árvores, uma severa forma de fazer coincidir o sol com o solo, matriz onde a terra se sente acolhedora e ávida na espera de sementeiras capazes de encher o mundo ultriz com um esplendor que nenhuma expectativa ousaria alcançar se não fosse o potente poder da ousadia.

85

Há desgostos. Algumas estacas plantadas no fervor de se ver uma vegetação quase luxuriante apodrecem em linhas de água que correm sem parar, mas o amor, dizem, é o que nos salva, e novas estacas merecem agora mais uma oportunidade. O que seria do fulgor e do equilíbrio que o homem procura quando fenecem os movimentos e as emoções que o levam a pressentir que viver exige como solução o inescapável porvir?

86

Ele anda, de um lado para o outro, no terreno cheio de água da chuva que tem caído, a sachola na mão, os passos um pouco cansados, o silêncio o vozeio das águas delimitando o sul da propriedade, a acção de uma graça que não é transcendente, mas o meio onde um homem perpassa como se a transformação da terra em mundo ainda não tivesse acontecido, remoto passado de um pensamento desaparecido.

87

Ele vai com as botas encharcadas observar no fundo do terreno os choupos incoativos, eis a maravilha, os botões abrindo-se em folhas tenras, um profundo espasmo sentido mais como carícia, a armadilha em que qualquer consciência pode cair. O jucundo sorriso porém não o larga, alaga a alma uma ilha construída no seio da dolorosa ignomínia, crucial desaire ter sonhado que o futuro poderia ser social.

88

As cores quase furtivas, o verde quase amarelado permutando em sensações de um escasso carmim, a beleza não precisa da arte, a arte é o ondulado segredo da natureza que a brisa autentica, enfim, que se ousará dizer desse ilapso tão desmesurado quanto abrasivo? Nada a dizer. Se há no eu um mim também haverá na percepção uma necessária saída, a vitória de uma derrota que se esconde comovida.

89

São momentos de um prazer impossível, alegrias de uma duvidosa realidade, mas o facto é um acto que não se deve desmentir, a ficção *isto* de dias faz-se, que importa a verdade, o real? Tumefacto o pensamento evola-se na imensidade de porfias que não mudam em nada o que sente, estupefacto por ainda saber sentir. Maravilha, estar para ser o que não deseja desunir, pois há haver em haver.

90

Um olhar grávido de uma esperança desperdiçada transporta-o de passo em passo. Descobrir caminho onde não há caminho, na aporia, foi a alicerçada e penosa teoria que arquitectou, um abrigo, ninho onde pôde, mesmo assim, traduzir a extravasada metamorfose da sensibilidade quando com carinho percebeu que nada do mundo era seu. Mas ninguém, do mundo como o conhecemos, reconheceu o vaivém.

91

Não há mal. Não há bem. Há porém toda uma vida que poderia ter sido diferente, haverá um destino em não haver? Mas não estará esgotada, perecida, a ideologia subjacente? Destino?! É num velho hino incensando o medo e o massacre, a guerra fratricida (como, por exemplo, na *Ilíada*, livro quase divino) que ainda se revê o ocidente? O que é o ocidente? Um etimológico ocaso, uma ocasião inconsequente.

92

Só o nascer do sol, a oriente, nos poderá convidar a uma orientação no caótico mundo da experiência e das nações desavindas, cogita. Mas como evitar a reflexão: Não se estará, à falta de uma evidência dos factos e dos acontecimentos, apenas a colaborar com uma outra ideologia? Uma outra excrescência? Tão nefasta como a primeira? Tentou. Tentou, sim, acabar com a preponderância das ideologias. Assim.

93

Assim, como? Assim, indo neste vaivém, de opinião em opinião, sem acreditar num alcance absoluto capaz de expelir valores ou verdades. Indo de mão em mão, ouvindo, vendo, experimentando, minuto a minuto, a clarividência da realidade, essa relação que não se confunde com nenhuma ilação, reduto contundente, não de um passado, mas de um futuro que exige nascer na explosão de um mundo imaturo.

94

Escreveu palavras no corpo destruído pela ingente carne, fez jogos com raciocínios, seguiu, na nudez cadavérica do deserto, um caminho, já consciente da tragédia contemporânea que seria, por sua vez, a sua vida. Amando, odiando, passando. Obediente a nenhuma voz, e daí a ironia. Em plena estupidez dos sentidos, das percepções, das intuições. Bem ou mal, ou bem no mal, apresentou a vida que tem.

95

Que ganhou com isso? Solidão. Mas não é obsceno cuidar-se que se poderá ganhar uma vida? A malha não teceu nem pode tecer nenhum império. O aceno do poder é um vislumbre criminoso, foi a batalha em que teve de incorrer dia após dia com um sereno deslize da consciência, querer ou não querer, tralha que ficou do tempo vivido entre uma tensão inulta e uma tentativa de culpa na desinteligência oculta.

96

O que poderia ter sido feito, se houvesse, em ser, uma oportunidade e uma realização concomitantes, inatas, próprias do que é próprio? Jamais o saber soube responder a tal pergunta. Frases instantes, pergunta insistente, o que poderia ter feito do ser que não sabe se é ou não é? Que caminhos dantes existiam para a humanidade trilhar? Não há vitória nem derrota quando não há história nem memória!

97

Só há o que há, repete ele incansavelmente: isto! Aqui. Agora. Esta senda onde passos trabalhosos encontraram a medida da surpresa, um imprevisto, um evento desusado, há só a solidão de rigorosos passeios pela imanência e pelo meditar. Se isto não é vida, o que será? Só o que há?! Em lodosos meandros da congeminação encontra a realidade muitas vezes, mas antes descobrisse a humanidade.

98

A casa, branca e estranhamente mítica, transparece entre a folhagem das diversas árvores, um branco apanágio de uma vivência, uma forma, uma prece em que não acredita. Nem sequer um refúgio franco onde pudesse descansar ou esquecer a dor refece. Apenas um vulto na paisagem, um levantado flanco. Canas esvoaçam lentamente ao som do vento amigo, quem disse que a natureza não pode ser um abrigo?

99

Enxada ou sachola às costas, a precisão inútil, pisa, com pés que viajaram, o chão intraduzível. Sente a terra fofa, mole, cada passada uma fútil pegada prefigurando uma passagem inamissível na universalidade da constatação. A cada dútil movimento correspondendo um suor inadmissível, mas a velhice é um facto e um feito irrecusáveis, melhor mesmo aceitar as confirmações deploráveis.

100

Aproxima-se da distância como um afastamento, avançar parece permanecer, de nada vale a astuta construção de um esquema eterno, este momento não se repercute na memória da história absoluta, este hiato entre quem é e quem será abre o isento declínio da língua, uma porção da vida dissoluta que tem de esquecer se quiser viver na iminência fortuita de uma luta sentida como independência.

101

As canas democráticas e banais esvoaçam plenas ao diapasão de um acaso, as canas leques, regaço onde tantas vezes, nos últimos anos, lançou amenas as projecções de um olhar tateante, eis o espaço, a constelação de sentidos irrompidos das enfermas estases que o devolveram ao mais inexorável traço do mundo, ter que sofrer, ter que viver na ferida sem comprovação de uma analogia despromovida.

102

Entre a casa altaneira e um esquemático canavial a muda piscina. Tremores de uma penugem aquática alvoroçam-se na indeterminação da brisa ocidental que lambe a superfície da água fria, uma prática tão comum e vezeira que lhe parece quase natural não ter que dar conta do acontecimento. Errática a sua deambulação põe pés pesados na relva surda e queimada pela geada hiemal, uma moleza absurda.

103

O sol titila numa desproporção de matizes, ora vai ora vem, achado e perdido, clarão e sombra, o sol dispersa-se no que dissemina, na luz que se retrai como se soubesse onde acaba e começa o dia, farol para quem se deixa guiar pelo risco que o distrai, já no céu incandescente um inexplorado arrebol tumultua na sua placidez luminosa, como receber a beleza que tolda os olhos, como dizer sem dizer?

104

Um enigma sem enigma. Uma contradição desejar que a língua deixe de ser língua para dar da vida o que está a mais, aquém ou além, esse colmatar intelectual que não é mais do que a arrogância ida pelos caminhos mais tenebrosos do pensamento, lar onde tanta gente se perdeu quando pensou a medida do existente como um alcance alcançado, profano, quando afinal nada mais conseguiu que um engano.

105

A vida não se desmente. A frase que saiu cordata paira no ar e no texto como um dislate horrível, mas que fazer? Está dito. Está feito. Há uma data específica para a inteligência? Ou só a indizível mecânica da monstruosidade aflita quando relata como impensável uma experiência inexequível? Promover a estupidez como um dado a adquirir faz parte da sensibilidade que deseja ainda parir.

106

Mas para quê? Este quê ressoa solto ao sol arfante e entrevisto, quem ousará pôr o olhar na fogueira que incentiva uma meditação tantas vezes delirante? Quem ousará dar um passo na loucura? A asneira nada mais é que a maneira humana de se ser amante de qualquer coisa que nos ilude como uma peneira quando pretende destrinçar o mal do bem. Mas quem, de nós, se contenta com essa explicação? Ninguém.

107

Entre o sol e a água é com mágoa que ele pressente que nunca nada fez sentido, nasce-se e morre-se, é verdade, mas vive-se? Realmente? Um sopro ausente dissolve-se na sua consciência. Rodeia pé ante pé a piscina extática como se houvesse possivelmente um caminho, não há caminho. Mas ele avança sem fé na dimensão do futuro iminente, hiulco, ele avança consciente de que os seus passos figuram uma dança.

108

Ele avança para a morte como um acaso no fogo da sua existência, de redundância em redundância, determinado a fazer da ânsia um impensável jogo que lhe aconteça na abstrusa e rara concomitância do mesmo, que é dizer e saber o deflagrar do afogo quando em ustão um sentimento salta na distância que vai do ser ao nada, do nada ao ser, oscilação de um pêndulo perdulário no tempo da corrupção.

109

Que o é todo. Há contudo, inexplicavelmente, mudo deslize da percepção talvez carnal, talvez também espiritual, uma iniludível nudez da expressão: tudo se lhe entrega como se a ideia de eternidade, bem em que não acredita, mas dizível, fosse sobretudo uma estranha disposição do ser, uma clara luz nem linguística nem factual, uma indelével necessidade assumindo a brevidade simbólica da possibilidade.

110

Uma inqualificável doação. Tolices, é o que pensa agora que está num outro lugar do mundo, o espaço tropeça diante da realidade furtiva e a dor intensa que o trespassa não passa de um explorado abraço onde os pensamentos nadam como se uma luz imensa fosse propícia a deambulações esotéricas, o crasso desleixo da forma forma-o na plenitude da norma, quantas vezes não estraçalhou *isso* que o enforma?

111

E para quê? Salvar-se, e de quê, foi um objectivo que alguma vez se propôs? Viver não é o caminhar inconclusivo que concluirá um perecimento votivo? Que ignorância terrível o consome? Que elementar fome o predispõe ao embaraço dissoluto e reactivo da dispersão? Onde um centro que o pudesse atar e reter, um centro capaz de o absorver e absolver, um ponto, uma consciência, uma mente, um saber?

112

Onde está o passado da história que não é memória de mais nada senão de fábulas e de ilusões? O sido do que foi o que foi? Houve humanidade na escória que nos legaram em livros envelhecidos? Perdido na desilusão e na brutalidade do que é alucinatória perda dos sentidos tenta raciocinar o que o sentido não reverbera nem sente, de onde a onde há idade para que se possa confirmar uma inocente verdade?

113

Um mutismo algoz agoniza no mericismo amável da metamorfose intelectual que o envolve, a visão da piscina, agora que está longe, surge quase afável na complacência que o devora, o azul é uma ilusão que o transporta para um céu irreal e inexorável, o azul é a sua cor. Quando lhe junta, com uma mão intransponível, o amarelo, então a tragédia vida acolhe-o como se fosse um desejo da desmedida.

114

Mergulhar nesse fundo líquido como ascensão viva ao mistério solar, descer para subir, nadar, o salto que será preciso dar, o salto da consciência cativa ousando sublimar-se na transcendência, no assalto material a uma outra realidade, eis o sonho, saliva que o lambe como se fosse uma luz fecunda no alto de um precipício sem começo nem fim, um abismo sucumbindo na dissipação lúcida de um mimetismo.

115

Mergulhar no magma da língua, sentar-se diante do monitor e escrever numa tremura da arrogância: «Aqui há uma pausa. Houve uma pausa.» Instante terrível, continuar. «Anos decorreram,». Distância de si a si juntou: «mais de uma quinzena.» Hiante espanto do sempre o mesmo, inenarrável vacância, o mundo perdido de uma assentada, outro mundo libertando-se, diferente, como um apelo errabundo.

116

Onde está? Onde? «Descobre agora, estupefacto, as estâncias perdidas, panos de fundo...» Alegria insuportável, escrever, estar a escrever o impacto de estar a escrever: «do tempo abreviado...» Ia de onde a onde a temeridade, o desejo abstracto de continuar depois de tanto tempo mudo na afasia de uma compreensível paralisia? «no acaso pobre de uma estadia, que fazer...» No dizer se encobre.

117

No dizer se perde, no dizer se acha, agora, depois de tão grande mutismo. Sim, é verdade, «que fazer com esses planos? Que fazer...» A pergunta é pois sempre a mesma: «com o que não foi feito?» Saber é-lhe impossível. Por isso continuou, um em dois, dois em um: «Um nobre movimento...» E perceber o trocadilho que vai surgir é motivo de felicidade: «da emoção leva-o a viver...» Se isso fosse verdade!

118

Mas continua: «o desejo de retomar...» Sim, amar tanto pode ser fácil como difícil. O desejo respira numa pira de fogo, a retoma é um conceito, duvidar disso é nunca ter lido a filosofia moderna que gira à volta da repetição. E terminou, num jeito lapidar: «essas páginas num novo ensejo.» Seu olhar retira do que acabou de escrever. A enormidade é tanta! Que ensejo, que cilada da língua ainda lhe canta?

119

Importa? Escrever, escrever, bater à pesada porta da vida para que se lhe abra num vislumbre aceso a dimensão e a oportunidade do existente. Exorta pois as palavras como se fossem os sons do defeso mundo, de sol a sol, como quem não se comporta muito bem de solecismo em solecismo, um peso que o enterra na terra amada, o planeta protegido apenas da vesânia que traumatiza o acto diferido.

120

Que acabou de sugerir? Que língua ou linguagem precisa ainda de ser explicada, que preciosismo ou que necessidade de clareza? Agora é a margem entre dois mundos, entre dois tempos, um abismo da consciência porque é sempre mentira a coragem para nos iludirmos com especificações do «ismo» que a inteligência exige da sintaxe e da presença. Quem disse que viver não é uma perpétua doença?

121

Dói-lhe o prazer que sente quando sentado escreve
que escreve sem uma finalidade ou um intuito, ser
não é o que fica no produto, ser é o momento breve
em que se produz, se apresenta, é uma prática, ler
o que, desconhecido, aparece e acontece, uma leve
aproximação onde o inefável arde para vir perecer
aos pés da língua não só resoluta como dissoluta.
Só quem não o compreende é que não o desfruta.

122

Onde? No canto arbitrário da ambiguidade espessa
e saltitante, essa música indiferente ao desamor
da musa ou da traduzida camena, essa lava avessa
ao tumulto da humana mediocridade, um destemor
em viagem ou movimento ou velocidade travessa
desflorando, de catacrese em catacrese, o despudor
daqueles que são incapazes de dor, essa duvidosa
dádiva oferta por ninguém numa entrega amorosa.

123

Rodopia pois o que rodopia. Loucura? A expedita
palavra não é mais do que uma palavra. O desprezo
do que é é-lhe fatal. Não há solução para a desdita
do que há. A percepção bendita do ser é um preso
solução que não chega a consolar. Ilude-se a aflita
cobardia quando pensa que o visto está, indefeso,
em quem vê. A distância distende-se numa alalia
incomensurável, proporcional ao grau de cobardia.

124

Não fala nenhum pessimismo. É com afável alegria que se delucida a lucidez indemonstrável, o deluso engano só serve para nos enganar, mas viver adia o que adia, e se a tautologia desmerece o percluso pensamento, a crença na crença é apenas a dislexia de quem não quer sentir nem ver o que de difuso permanece à superfície das coisas, objectos, gente, mundo, terra, apoplexia do universo que nos mente.

125

Ou nos desmente. Sim, que fazer? A pergunta age como um impulso ou uma intuição introdutória, a pergunta será ainda metafórica? Nenhum ultraje em respondê-la. Podia ter sido ontem, já memória, poderá ser amanhã, uma incógnita, mas o que é reage antes como um hoje perdido na fala discriminatória. É um automóvel em movimento, é uma viagem lenta através de uma estrada que se prolonga quase isenta.

126

Não se está nas costas da Califórnia, não se corre ao longo do rendilhado de Massachusetts, litoral embutido de reenâncias e estiletos, o que decorre ao lado é um Atlântico tumultuando de níveo sal, ao sul uma serra que de nevada ou de azul ocorre na sua negação, uma serra minúscula e paradoxal numa terra desprovida de altitudes e de ambição. Não há onde há, infelizmente, nenhuma condição.

127

Haver e ter e ser conjugam-se num só movimento,
é uma pobreza incapaz da trágica miséria, um assim
assim que não pondera nem prospera, é um lamento
que verbera todo um povo, todo um país, um confim
na periferia do mundo global, um ponto sem alento,
um pátria pútrida, petrificada, um desolado festim
para aqueles que sabem e podem e querem explorar
a ignorância daqueles que não vislumbram um lar.

128

Ele exulta na passeata que se permite, a gasolina
não está tão cara como já esteve, o inamissível
apartamento tanto pode ser um agasalho, uma mina
de ouro, como uma prisão onde se aviva o risível
azar, o isolamento traz consigo a previsível cortina
que esconde a realidade apodrecida e o invisível
degrado, não é segredo para ninguém que o atraso
é mais do que país, é uma população no seu ocaso.

129

Mas não perde tempo com o que é do que demora
a ser, a vida é curta, diz o truísmo, assim prefere
passar como um olhar acariciando o que outrora
foi tido como um prazer: as coisas. A palavra fere
títulos de livros que foram famosos, mas a hora
não se desdobra em filosofias idas, a hora desfere
um golpe num apogeu e numa livre nomenclatura,
se ao menos fosse possível esquecer a literatura!

130

Estúpidas nostalgias! Antes ouvir o CD que vem acompanhando-o com temas muitas vezes irónicos e icásticos, a música é obra de John Zorn, alguém que ainda há pouco desconhecia. Os rios ctónicos que não existem neste mundo! Não é com desdém que colmata a *Invitation to a Suicide*, uns icónicos uredos de sonoridades prolixas. O contentamento acha nele um alvo e um fim: louvado nutrimento!

131

Onde está, onde está? É a extraordinária pergunta que o assola num vazio sem memória, o automóvel que já foi uma máquina do tempo é agora a disjunta realidade do espaço, rodeia que rotunda da imóvel vila onde não vive? A moda é rotunda, a adjunta avenida é paralela à estação do comboio, o imóvel que vem de ultrapassar nada faz pela justiça, o país necessita de uma revisão completa, ir-se até à raiz.

132

Não se vai. Ou melhor, não vão. Mesmo se a crise parece ser um acontecimento civilizacional. Afinal quem manda em quem, afinal que capital deslize se engloba no capital? Interesses, é o que é, fatal intumescência da e na origem da sociedade. Analise quem quiser o fenómeno, perecem na morte total milhões e milhões de seres que nunca souberam o que era ser o homem e a mulher reais que eram.

133

Ou deveriam ser. Ou ter sido. Quase comovido com a visão pessimista de um mundo que arde no convívio da sua demência ele colhe no ouvido a beleza de uma canção, o automóvel sem alarde passa para outra dimensão do real, mas transido pelo que pressente apercebe-se do sol e da tarde como se houvesse pessoas nos passeios, passos que os contemporâneos dão, laços de outros laços.

134

O museu à sua esquerda. Desaparecidas as musas restam os cemitérios da comprovação, essa arte de que não faz parte, essas inteligências reclusas em halos de impotência mostrando o falso baluarte de uma acção que não muda o mundo, as intrusas manifestações de um engano. Quem de quem parte à procura da solução para a humanidade vigente? A questão social paira como uma ferida indecente.

135

O mundo, quer se queira quer não, parou detruso no século dezanove, nada mais se move, a questão permanece aberta como uma chaga, nenhum difuso século vinte e um é mais do que a vasta estagnação onde as consciências se aviltam no magma profuso da tecnologia que parece investir no progresso, são quantos os homens livres, são quantos os escravos? Não há medida para os perenes e visíveis agravos.

136

De nada vale dizer-se isto ou aquilo com vastos argumentos de uma ciência desesperada e em falta, o mundo parou. Façam o que fizerem, os nefastos efeitos do irresolvido estão aí, está aí a ribalta do falhanço, digam o que disserem. Que castos olhos não ousarão ver o desastre? Só na casa alta da indiferença ou da maldade o mal não será visto. O mundo parou. O mundo, esse purulento quisto!

137

O tempo deixou de ser tempo. É agora um suceder de coisas, datas disto e daquilo, mas funda fende a impressão, a sombra da clivagem, a um nascer só respondeu e correspondeu um morrer. Depende ainda de quem ousar-se finalmente viver? Viver pela primeira vez um ser humano. Que ser defende a sua felicidade, não ser nem escravo nem senhor? Se houvesse resposta talvez o mundo fosse melhor.

138

Aos solavancos, que o piso deixa muito a desejar, encontra uma nova rotunda, carros que vêm, carros que vão, uma azáfama incompreensível de analisar quando dizem que não há produção, mas há bizarros movimentos da população que se apresenta, evitar a etimologia não vale de nada, ignorar os barros de que é feito o ocidente será tempo perdido. Feita assim a desfeita da história, que língua nos rejeita?

Há actividade e vaivém. O que não há são produtos ou produzidos, a riqueza contemporânea. A prática é uma atitude, um estar no mundo, sem contributos para uma qualquer economia. Mas que sintomática plenitude merece de alguém a censura? Que frutos se poderiam esperar de uma gente pobre na errática política da desonestidade e da mentira e da morte? Sobreviver foi sempre a lei, não a lei do mais forte.

O mais forte, como um abutre, vive da morte alheia, de todos aqueles que explora ou engana, da gente que não sabe distinguir o bem da maldade, a areia que lhe atiram aos olhos ainda hoje é eficaz, mente que igualdade a democracia? É a liberdade a teia de uma suposta tirania? De uma colossal, ingente fraude? A crise do mundo ocidental é uma crítica. Nada como a realidade para denunciar a política.

Mas é preciso ser-se muito inteligente para se ver o que sempre foi mundo e cidadania e sociedade? Não se vê logo que quem comanda hoje o viver da terra e o seu desfalecer é o capital? Que idade para a cegueira colectiva? Desde sempre?... Saber e consentir como destino a escravatura é novidade? Não foi sempre assim? Hoje o capital, como outrora a hora do que foi, sempre uma vilania, uma demora.

142

Foi esta demora, é esta demora, que o atormenta,
não ter compreendido nada da humanidade friável.
É-lhe insuportável, foi-lhe insuportável a cruenta
percepção que, como ser, tinha caído no detestável
seio do homem, um escravo sem vocação, sangrenta
maneira de se dizer que está a mais, um deplorável
exílio cercado de vozes inóspitas em toda a parte,
em toda a parte um vexilo incapaz de estandarte.

143

E é assim. E foi assim. Não ter tido a exequível
coragem para se suicidar! Assim desce, de curva
em curva, a estrada estreita que o levará à falível
Ribeira de Sintra, um poço no alvoroço da turva
visão que o anavalha, mas agora a estrada temível
ainda se estreita mais, istmo cego, quando curva
para a direita e nada mais vê que a fracção feliz
ou infeliz de um segundo, o perigo sem directriz.

144

E enquanto ouve a música de um recente passado
conduz o automóvel preso ao acerto da realidade,
conhecedor dos perigos da pífia estrada, elevado
pelo som a uma dimensão ontológica, na verdade
o que se pode mais esperar da música senão o lado
fantástico da sua novidade apocalíptica? Ipseidade
do que não acontece passa por uma muda ribeira
abafada pela poluição natural, sem eira nem beira.

145

Quase sem água. E no entanto o húmido Inverno durou meses de chuva como nunca visto, a vista já alcança logo à frente uma outra rotunda, eterno deslize da paródia, ou nada ou tudo, a conquista do país faz-se com modas e cópias, mas o moderno ainda coabita com os rústicos citrinos, a simplista atitude de um povo pensado sábio na sua pobreza, mas não o julgemos com tanta ironia ou ligeireza.

146

Guina para a esquerda numa volta difícil, apertada, à subida sucede a descida, outros raros veículos passam a uma velocidade inaudita e desenfreada, será que os seus proprietários estão, dos cubículos ambulantes, à altura? A carroça dos bois iletrada ainda vive nos seus cérebros reptilianos, ridículos efeitos de um atrasadismo onde nenhuma escola soube ou pôde oferecer-lhes uma inteligente bitola.

147

Que fazer? Conviver com a mediocridade, medita enquanto gravita por estes pensamentos sombrios, a sociedade não tem caminho nem direcção, aflita procura sobreviver na dimensão biológica, desvios vadios de quem não se sabe governar. Alguém grita por uma verdadeira revolução? Diz-se antes, feitos, são o que são, e ninguém se mexe ou deplora a má gestão do que tem sido o país que não é nem será.

148

Porque aprender custa. Mais fácil não fazer nada, viver de expedientes, seguir as pistas do antigo, dizer que há equilíbrio onde há tradição. Estafada argumentação de quem não se cansa do inimigo número um de qualquer riqueza social. A animada solução não consiste porém no trabalho, um castigo ancestral, antes consiste na produção, na vocação. Fazer o que nos dá prazer na sua exímia execução.

149

Não como trabalho, mas como realização. Tendo sempre em vista o bem da fervilhante comunidade. Sobe agora para o Carrascal, subida lenta, horrendo olhar para o retrovisor, um condutor sem autoridade tenta ultrapassá-lo numa pressa ignara, o tremendo medo infligido a quem tem consciência, a verdade do mundo é uma selva e ninguém se salva, ninguém se perde. Há só o baloiço do acaso. Há um vaivém.

150

Não é um jovem, como poderia preconceituosamente pensar enquanto desiludida experiência. Um velhote num carro trôpego e velho dá ao acelerador, mente que realismo o que surge como dor? Mais um mote de uma geração perdida, que nada fez. Se somente pudesse servir de exemplo! Deixa-o passar, chicote de vergonha inútil, deixa-o seguir na sua demência escatológica, que lógica diante de uma tal urgência?

151

Ah, sentir o bafo do sol, ver a sua luminosidade, o efeito epifânico na vegetação que brota brutal como uma indispensável necessidade, a liberdade quase o atordoa, livra-o, em certo sentido, do mal, essa dor que está sempre presente no corpo, há-de um dia escrever sobre o que é viver sob o carnal véu do medo, é uma estupidez, é certo, mas dizer da sua estupidez não devolve a dor ao seu prazer!

152

O sol! Sobe entre paredes sobrepujadas pelo vários verde que se excede no que concede de bonança, esses verdes com milhentas tonalidades, planetário contraponto ao azul das águas dos oceanos, dança de sensações fluctívagas, contradições no estuário da semântica, sinestésias onde por vezes se alcança um indevido prazer, sentir que viver é a outra face do morrer, e perceber que só assim haverá enlace.

153

Não é uma questão de sensibilidade. As diversas cores cobrem-no de diversão, de distração, olhar é ouvir, ouvir é conceber as injunções dispersas de um ser desejando ser outro ser, é como olvidar para que possamos lembrar as vidas controversas que nunca existiram nem poderemos talvez amar. As limitações humanas são um facto. Mas o desejo não tem memória nem anais, é apenas um lampejo.

154

Há uma profunda discrepância, percebida disparate e aliança, entre o que há e não há, a indesmentível realidade é um abuso da consciência, um combate indelével, uma fragilidade, uma deiscência terrível procurando abismar o sentido do que é, esse embate entre contrários contrariando as leis, esse desnível onde irrompem, sem medida, os apogeus do alcance entrevistados na inteligência intuitiva de um relance.

155

Descobrir e perceber o ocluso mecanismo da matéria não é tarefa para ele. A ele basta-lhe o mecanismo da percepção, passar com cuidado na pérvia artéria da mínima aldeia que atravessa, passar com civismo, pois poderá surgir uma lábil criança com a etérea disposição para o desastre. E nenhum virtuosismo de quem conduz ousará aceder a um milagre. Agora é quando uma pessoa desconhece por que ignora!

156

Por isso ele observa atento ao que vem. Ninguém. O caminho aberto abre-se-lhe a visão para a rotunda seguinte, devagar aproxima-se do encontro, porém não há circulação no círculo. Contorna a facunda jardinagem onde pétalas saltitam velozes que nem as brisas despoletadas pela passagem viária, funda ergue-se nele a sensação de uma limpeza preciosa, se toda a paisagem fosse o cenário para uma rosa!

157

Se tudo fosse tão simples! Não é. O discurso parece que continua, mas o decurso desta frágil narrativa pára aqui mesmo. Outra interrupção. Assim desfalece no que desaparece qualquer possibilidade incoativa de coesão, a pausa foi real. A realidade não merece tal atitude! Meses passaram sem que a palavra viva pudesse exprimir o que quer que seja, resta diante de quem resta, que é quem escreve, um vazio hiante.

158

Uma nudez álala. Uma nudez incompreensível. Fala, a quem não escreve nem diz, uma falha, um falhanço. Uma tristeza ininterrupta descobre-o na túmida vala das boas intenções, que dizer? Não haver descanso na experiência humana será uma resposta? Estala como uma desculpa esta pergunta. Nenhum avanço no que nos abala, no que nos cala, só uma desvalida e cruel nudez, um corpo no sopro da carne concutida.

159

Foi Primavera, foi Verão, é agora um Outubro inato deslizando para o Outono, quem saberá dizer que dia é hoje? Que hoje é dia? Quem é quem? O anonimato não é uma terapia. Onde está? O eco advém estesia sem uma definida estética, de eco em eco o imediato transforma-se numa irrecuperável e sensual sinfonia, há algures um hiato na excentricidade da clivagem, há como que um *como* nesta extravagância selvagem.

160

Só não há, infelizmente, analogia. Mas o simbólico irrompe na denegação teórica onde inexistente, a vida é indiferente a qualquer vontade, o real é diabólico ao ponto de não coincidir com a realidade. Atrevida a linguagem cospe na linguagem e exige, hiperbólico, um sólido sentido. É uma ilusão. Mas que despedida, de um mundo que desaparece, não reterá os restos, as cinzas, as escórias, os seus moribundos gestos?

161

Vive-se do que não se vive. Do que não se baseia em factos ou acontecimentos ou acções ou gestos, mas do que se idealiza como experiência na areia das memórias abstractas, outros tantos manifestos da manifesta necessidade de se criar uma vida alheia que, não existindo, não deixa de ser nossa. Lestos contributos para se tornar suportável a humanidade. Enganando-nos a nós próprios criamos a realidade.

162

Paleio de chacha. Bláblá. Desbaratada a formulação do instante, o que poderá ser contemporâneo? Desvio da inteligência na sua consciência ferida a relação que mantém com o mundo advém um insólito rodopio da linguagem, talvez seja a loucura, esse alçapão, talvez seja a cura, essa transformação paulatina, fio desprendendo-se do chão fiável, um caminho abrindo uma passagem no limite de um tempo-espço infindo.

163

Mas a verdade é esta: ele não sabe o que fazer. Ele procura uma solução para o acontecido, deseja ser mesmo língua para lá da linguagem, mas quem nele poderá falar de uma novidade, de uma certeza? Ler sempre foi para ele uma controversa falácia. Dele, agora, só subsistem ecos de elos, não o grave dever de devolver ao mundo a sua mundificação palpável. A voragem do ser é uma tautologia ingovernável.

164

E, depois de tudo, do dito como do não-dito, quem, de entre as mulheres e os homens, ousaria falar essa língua, essa forma advindo, se nem alguém nem além ninguém se interessa pelo verdadeiro interesse: essa não é mais um catafalco fúnebre, essa é um alguém fundamentando, deíctico e libertador, uma expressa virtualidade, um futuro erigindo-se em etimologia, verdade de um desejo refutando qualquer etiologia.

165

Só há recomeço, só há retoma. Só há, mesmo quando não há, repetição. Alguns filósofos, de uma leitura activa, concordam com ele. Mesmo quando, pando, o conceito não traz o mesmo nome. Mas a estrutura do pensamento é a mesma. Quem são? Nomeando introduz-se uma injustiça, um falso real, a moldura de alguns nomes talvez não seja necessária. A razão de se ser só se configura na figura de uma repetição.

166

Se o que foi é, o que é será! Eis uma pequena deriva, uma pequena desvirtuação, de uma ideia de um irônico e polêmico autor. Talvez que tão ingênua perspectiva deseje mostrar a estupidez no sentido sempre lacônico de um desafio à ovante inteligência como exclusiva maneira de se abordar a experiência. Enfim, o icônico faz-se inaudito, perante a audição da palavra, perante a realidade que se nos apresenta num mundo caligante.

167

O tempo social, dizem, é de crise. Sorri. Os meios, ditos de comunicação, expeditos em desesperadas notícias do sempre o mesmo (a ganância, os anseios das populações ignorantes), exploram as malfadadas realidades da contemporaneidade, exibem os receios esdrúxulos de quem nunca se importou, estafadas humanidades de gente, com um futuro, um presente que fosse mais do que se estar vivo na dor demente.

168

Ironia de nenhum destino: no mundo, dito moderno, nas suas democracias, são os escravos, essa massa discordante, que elegem os seus senhores. Inverno metafórico de algum descontentamento, onde a raça de mulheres e de homens capazes de um fraterno grito de responsabilidade? O capital comanda. Taça da corrupção oferta à política que diz representar as gentes. De quem a culpa? Sorri. Que mais pensar?

169

Outrora, se a história que nos ensinam não mente, os escravos eram os que perdiam a fecunda liberdade em batalhas e guerras, incapazes, num comovente gesto, de se darem a morte. Hoje, nesta vasta idade, são os que nascem livres e com direitos, aparente realidade que os engana, que se entregam à maldade dos que excelem em ludibriar o mundo desatento. Queixam-se depois da sorte com um exicial lamento.

170

Sorri. Não da crise económica, nem do mal. Sorri como se essa fosse a melhor resposta para o mal que campeia nos labirintos das mentalidades, sorri das especulações financeiras que se fazem, um fatal crime que floresce sem castigo. A suja liberdade ri de todos aqueles que caem no logro não só ocidental, de todos aqueles que poderiam lutar contra a ideia de um destino, abelhas perdidas na própria colmeia.

171

Nada a fazer quando se ignora como fazer o nada. Pobre gente a quem o humano nada diz! Seria preciso desimaginar o mundo, abandoná-lo à solidão odiada dos que mandam e dos que pretendem saber, inciso, o modo de levar a bem o mal que engendram. Amada despossessão do mundo, apreender o tempo conciso sobre a terra, a força dos fracos, uma aliança festiva das populações em acordos de uma amizade efectiva.

172

Televisões achadas nas suas contradições cenosas,
ora a notícia do número dos muitos desempregados,
ora a publicidade de viagens a regiões maravilhosas
onde viver é um corpo nu diante do mar. Esgotados
debates onde se alegam as interferências facciosas
da economia, da finança, da política, mas alheados
os escaninhos dos interesses inconfessáveis de quem
argumenta, de quem propõe, de quem se sabe alguém.

173

Pobres dos pobres, que deles é a terra prisioneira.
Que compreendem do que se passa? Nada. O culto
do vulgo é o trabalho em que se liquefaz, odisseia
sem prestígio de um salário parco, estranho insulto
que aceita sem pestanejar. Para muitos a melopeia
da estabilidade é um facto. Dizem recluir o tumulto.
Para o patrão, pensando-se um empresário dotado,
basta que o escravo sobreviva para ser explorado.

174

Crise? Qual crise? Desde sempre a humanidade viveu
em crise, homens guerreando homens na sua aurora,
regiões eufóricas atacando regiões disfóricas, deu
em quê tanta chacina? Em domínio sobre pessoas, ora
tu dominando, ora eu dominado. Depois, no apogeu
em que a população se fez país, países sem demora
escolheram lutar contra países desflorados, impérios
que se edificaram no sangue dos ataques deletérios.

175

Crise? Sem dúvida. Um súbito desejo de ir ao quarto de banho. Levanta-se e deixa o escritório, a janela expõe-no à visão da serra, vulto de que está farto. O corredor largo não lhe oferece nenhuma querela, executa alguns passos de homem, se já foi lagarto isso ocorreu à milhões e milhões de anos, a tutela desse tempo delida e diluída no corpo agora cerzido de uma vontade que o catapulta para um estrupido.

176

Vira à esquerda, acende as luzes do compartimento. Olha-se ao espelho como se se desconhecesse, a face nada lhe diz, quem é quem? Um suave sorriso, lento eviscerar de velozes corridas no tempo, o desenlace do que quer que seja que seja, pensa. Já no assento terreno, depois das calças e cuecas caídas, rapace de um sentido obscuro se aloja, a prática da sanita um traço da civilização ocidental em que medita.

177

Crise? Just empty the bowels, é a meditação acesa que o trespassa e entretém. O corpo dá de si, em si sente um alívio redentor, que bom, sentir a represa abrir-se num estrondo redundante, a crise, e sorri como se tivesse descoberto uma verdade. Empresa terrível a de se abrir caminho num país pobre. Vi o paraíso, pensa, perpetuado depois da ejaculação que o abalou até às raízes da insofismável irrisão.

178

O melhor do homem fora conseguido. O libertar-se das matérias infectas como quem se vinga da prisão em que se vive. Agora, depois do feito, basta dar-se ao trabalho de passar o papel higiênico pelo desvão do entrepernas, a vida podia ser diferente, disfarce de um pensamento obsessivo mas devoluto, a gestão do mundo não depende dele, dele só depende ousar denunciar o mal anunciando outro modo de se estar.

179

Muito do mundo, em homem metamorfoseado, é merda. Muito do mundo, em homem metamorfoseado, é ouro. Cada homem, infelizmente, traz em si ouro e merda. Depois de uma reflexão tão escatológica, desdouro de uma filosofia canhestra e desapaixonada, herda o súbito alcance do real, já as águas em sorvedouro apocalíptico se desembaraçam dos excessos mortais que fazem lembrar aos homens que são meros animais.

180

Alça as cuecas, aperta as calças, evita o espelho que teima em mostrar o indemonstrável, a descida aos infernos uma mitológica necedade, esse aparelho conceptual de desaparecidas ideologias, mas avenida que, por vezes, ainda desemboca num falso conselho para a modernidade ocidental. O presente é a ferida que não cicatriza, ou só lentamente, se o epulótico deslize da ciência souber apagar o medo neurótico.

181

Agora que franqueia a porta aberta da sala de estar a música contínua que ondeia pela casa no desvelo de a fazer ondear é uma nitidez auditiva, um exalar sensual de sons que se interpenetram sem atropelo numa dança onde o acme que se atinge é exemplar para aqueles que ainda pressentem nos sons o apelo de uma sensibilidade capaz de habitar uma sociedade de contradições complexas na movente perplexidade.

182

Se, enquanto defecava, o som advinha de uma peça de Gavin Bryars, *Farewell To Philosophy*, violoncelo acariciado por Julian Lloyd Webber numa expressa sublimação de um sublime que perdura vivo no duelo de cultos e de culturas que vêm e vão, pois a pressa de se vencer o nada aceita qualquer solução, singelo irrompe o trecho *Four Elements* do mesmo compositor, um salto insustentável na diáfana dimensão do amor.

183

Ele pára segundos de nenhum ensimesmamento, divisa o que não vê, vê o que ouve, um saxofone é alimento para a sua dispersão, o real não se configura baliza de nenhuma impressão, de nenhum outro pensamento que não seja sentir o que pode pressentir, uma brisa passando de segundo em segundo em cada instrumento, enquanto a alegria sacode cada célula do seu solto corpo, espessa carne explodindo num grito revoltoso.

184

Se tudo fosse música! Mas não é! Atravessa a sala infestada de tudo quanto é contemporaneidade, igual a qualquer sala de qualquer apartamento, uma vala para vidas desavindas, apartado mundo no temporal dos acontecimentos familiares e sociais, quem cala sempre consente, se o que é é o que é, que trivial existência poderia atingir a liberdade da novidade, que pessoas ousariam ser mais que uma irreabilidade?

185

Desliza a vidraça da portada. A paisagem. Nordeste avistado até um longe, o bairro inacabado, aberta fuga para os olhares cansados de lixo, essa peste que anula qualquer veleidade de civilização. Oferta de um sistema económico em países onde a agreste presença da lei não existe. A varanda quase liberta de quanto é tralha consente apenas algumas plantas respirando em alguns vasos pelas verdes gargantas.

186

O sol, filtrado pelas nuvens que assumem o branco quase poroso de uma matéria um pouco vergonhosa, e daí não revelada, embora nenhum vislumbre franco de qualquer coisa deva escapar à língua pressurosa, e daí a desculpa implícita, num desperto solavanco desenvencilha-se, expedito, da obstrução esponjosa, eis a terra num esplendor mais desejado que visto, eis o céu azul transformando o que é num raro isto.

187

Isto é uma experiência experimentando-se. A idade deu o que tinha a dar, a ambiguidade de um termo pondo termo a um raciocínio, agora o olhar invade a paisagem sobressaída pelo sol, um casario enfermo refulge nos seus telhados toldados por uma unidade rotineira, ao longe, num monte por assim dizer ermo, o esforço eólico do país elevado a três ventoinhas acomoda-se a eventualidades um pouco comezinhas.

188

Não há vento. Não há movimento. Há a esperança, como sempre houve por estas paragens. Felizmente ou infelizmente? Há a miúda esperança numa mudança em futuro mais ou menos próximo, sempre em frente, sempre, aparentemente, inalcançável. É a vingança de quem, não se chegar a esse outro lado? Da ingente força do fado? Ele recolhe-se ao olhar. A paisagem não é um sentimento nem uma necessária passagem.

189

Para ele o país sempre foram os pais. Desaparecidos os pais, desaparecido o país. Perdido. Mas a terra existe, ei-la, povoada por gentes, falares iludidos em vozes percorridas pelo receio da única guerra que nos poderia libertar. Se... A terra, abstraídos os mundos que nela se formaram e formam, encerra uma beleza paradoxal, paroxística, não pensar, não pensar para poder ser. O quê? Um homem da emoção.

190

Sentir, sentir. Sentir para lá do olhar a incidência do sol na superfície da terra, sentir no que ouve e vê o sol que traz dentro de si, essa efervescência oriunda sem dúvida de uma ausência, sabe, já houve um sentimento quase transcendente na transparência do que foi, por que não ser mais um mais que louve a existência com a alacridade de estar e de viver e de ser o que resta da terra, da beleza, do prazer?

191

Que aconteceu ao homem? À humanidade? Nunca terá havido um homem, uma humanidade? Foi um engano ter-se pactuado com ilusões históricas, viver-se-á sempre do que poderia ter sido, se?... Este *se* leviano será a condição para a fulcral sobrevivência? Levará ainda quanto tempo para nos desembaraçarmos do dano que causa uma ideologia fundada em aparências? Ouve a música que vem de dentro, o que há que não houve?

192

No meio da rua não há uma pedra. Não há uma pedra no meio da rua. Não há uma pedra. No meio da rua não há uma pedra. Nunca se lembrará do que não medra em parte alguma do mundo, uma inexistência na rua em que vive não merece das retinas despertas a pedra imaginada que nunca houve e que não há. Basta a rua que há. Basta de sensibilidades exaustas, esgotadas. Basta viver o presente. Para quê sugestões inventadas?

193

Para quê as ingênuas estéticas dos acontecimentos únicos? Para quê deixar para o futuro a realidade de hoje? A memória não acontece, os argumentos que utiliza só servem para esconder a mediocridade, para caucionar o que poderia ter sido dos elementos que não foram, ou não foram bem assim, necessidade compreensível, é certo, quando se pretende extrair um sentido do que nunca teve sentido. Ser é trair.

194

Também ele, quantas e quantas vezes, passeando pelas ruas das cidades estafadas, ou mesmo em casa, não é presa de tempos e de espaços vividos? Quando o passado prorrompe como uma intrusão e uma vasa intoleráveis no presente que é e passa, silvo brando do que foi um acaso, agora reduzido a simples brasa arrefecida e fúnebre, que remédio senão se reviver num plano diferente o que foi, mesmo sem se querer!

195

Assim, cenas risonhas ou assombradas trazem Paris, Londres, Santa Barbara, San Francisco, Boston, Goa, New Bedford, à sua consciência, como se uma raiz do vivido permanecesse incrustada no que se amontoa no cérebro como lixo, restos, rastos, uma roda motriz de conexões inúteis, uma ausência que, se não atroa em tonitruantes clangores na carne de que se é feito, magoa a intimidade que se poderá trazer no peito.

196

O que foi o que é? Nada. Espaços, tempos calcinados. Fantasmas de vidas. Ou só memórias involuntárias. Não mitificações poéticas, não arroubos consumados no desejo de se reter o tempo e a vida. São várias as maneiras de se sagrar e entronizar, em esgotados delírios do que ainda se chama arte, as imaginárias peripécias de acontecimentos pensados excepcionais. Quem tem a coragem de dizer que o ser está a mais?

197

De que lhe serve, quando passeia com breves passos por Vila do Conde, a impressão infesta da visitada pequena cidade de Cody, em Wyoming, nos espaços circundantes do Yellowstone National Park, juncada de tradições do Old West, e onde, tomado por laços difíceis de explicar, penetrou, como criança achada, no Buffalo Bill Historical Center para sentir a hora de uma comprovação do que lera e conhecera outrora?

198

Não lhe serve de nada. Ou que, avistando pela janela a afamada Serra de Sintra, minúscula e verdejante, às vezes, só às vezes, como num sonho, em aguarela lhe apareça, ao longe, Mesa Verde, no Colorado, ante a qual se sentiu um índio do antanho, e na qual, bela experiência, pôs passos nas entranhas da arrepiante montanha onde se abrigavam ainda, em reentrâncias da rocha, restos de habitações, ruínas de infâncias.

199

A vida nunca foi fácil. E o medo é uma imperecível realidade. O medo dos outros, dos inimigos, notícia de alguém que se aproxima para... Resta, ilegível mas inesgotável, esse «para quê?» Não há estultícia na incógnita. Também ele, um homem indesmentível, sentiu o medo (outros diriam, o sublime) na carícia ontológica da solidão do Grand Canyon, o Arizona fendido num abismo terrestre recusando vir à tona.

200

Silêncio terrível da terra despovoadas. Inescapável presença de um espaço que devora qualquer olhar. Não há linguagem para tanta imensidão irreparável. Não se pode reparar o mal. Está feito. Ei-lo, virar de costas para o mundo, a indecente e indesculpável terra aberta como uma eclosão de vulvas, um esgar fescenino nos seus lábios em pregas tão escabrosas como labirínticas, que sigilo, que amor, que glosas?

201

Nada há a dizer. Ser. Estar. Ver. Sentir. Anagógica e incompreensível a terra persiste apesar de tudo. Quando será destruída pelo homem? Metodológica a pergunta não fará sentido. Mas agora, sobretudo agora, o que faz sentido? Apenas a música, ilógica dimensão de uma significância, inesperado escudo para a fereza da crueldade que sempre existiu: haver um poder onde poderia haver o amor e algum prazer.

202

Como compreender, no entanto, o desvario oneroso que o levou ao nada? Isto é, ao nada da terra feita de toda a diversidade que se consome em tudo? Cioso perguntar quando muda a música. Na audição perfeita que colhe na varanda suspende-se em Mahler, no gozo de ouvir o *Lieder eines fahrenden Gesellen*, suspeita coincidência com o desvio da rota que antes fixara para se afazer ao desconhecido de uma isenção rara.

203

Sim, gostaria ele de saber, ressaltando a família, mulher e filha, quantos dos conterrâneos alguma vez puseram os pés no Four Corners, motivo de quezília de geógrafos eminentes, ponto putativo que se fez do encontro de quatro estados americanos, e vigília esporádica de uma política geométrica que satisfaz, talvez, uma classe dirigente. Assim, Utah, Colorado, Arizona e New Mexico tocam-se num toque cuidado.

204

Que viu? Nem sequer, nesse ano, um breve monumento. Lembra-se vagamente de qualquer coisa, uma madeira a servir talvez de estrado, onde, por um momento, se postavam os escassos turistas para a foto, maneira um pouco ingênua de pensarem que tal acontecimento iria ter lugar ou importância na dimensão forasteira das suas existências. Ah, lembra-se dos índios Navajos comerciando pacificamente nas tendas e nos carros.

205

O quê? Restos, artefactos de uma indígena cultura que foi devastada e está desaparecendo lentamente como se nada fosse. Assim, dizem, é a vida. Dura quanto tempo a extinguir-se, uma civilização? Mente o tempo que continuidade? Diante da pobre aventura de uma população na desventura, uma incontinente vergonha ascendeu-lhe ao rosto despovoado, viver não devia ser sempre o inefável que se deseja dizer!

206

Índio de si mesmo, mudo, afastou-se da intersecção de duas linhas rasgadas num mapa imperialista, voz de um poder selvagem que se julga mundo. A ilusão e a crueldade massacram muitas vezes num gesto atroz a ilusão de que se pode ser livre e único. A visão do que foi também desapareceu. Involuntária e veloz, por vezes, a memória alcança-o onde mais lhe dói ser homem, no sofrimento sem sentido que o corrói.

207

Incapaz de se recordar da poeira que o velho carro sem dúvida fez naquela terra batida, o tempo passa para apagar as pegadas de quem se move nesse barro que muita gente já quis mitológico mas que fracassa hoje nas descobertas da ciência, descobre, bizarro, que o tempo envelhece com o tempo de vida, ameaça que o deixa indiferente. Mas a poeira é, sem dúvida, do que foi e não se lembra, uma visão ainda úvida.

208

Especado na varanda, ouvindo a música que o arrasta para o presente, o que vê realmente? Que no passeio em frente, junto ao contentor, há uma poltrona gasta e abandonada há mais de três semanas. Sem enleio repete: há uma poltrona gasta e abandonada, nefasta, no passeio em frente. Há uma poltrona. No passeio em frente, junto ao contentor, há uma poltrona azul fazendo convergir o leste e o oeste, o norte e o sul.

209

Esquecer-se-á deste acontecimento na vida infrene dos seus olhos míopes. Esquecer-se-á, não duvida, que no passeio em frente, junto ao contentor solene, implícita a derisão, há uma poltrona gasta, batida pelo sol e pela chuva, sem que a duvidosa higiene do acontecimento preocupe a vizinhança. A ferida é civil, pública. É verdade, parece ser verdade, há, no passeio em frente, uma poltrona. Quem a levará?

210

Nenhuma crise justifica a crise. Justifica a crítica o que não tem justificação? O que se pode pensar para que o ocidente pense que se pôde pensar, mítica a questão, se nunca se pensou a existência tutelar do escravo, do senhor? Do pobre e do rico? Política é uma palavra insensível, insentida, tão rudimentar e sem sentido que é difícil encontrar-se uma cidade onde quer que seja, seja na cidade seja na realidade.

211

Pensar?! Se nunca se pensou o escravo e o senhor,
o pobre e o rico, então todo o pensamento é inútil.
Não leva a nada. Deixa-nos neste nada, nesta dor,
dissolvidos na insolvência de absolutos. Mas fútil
lhe parece o raciocínio. Oh, felizmente há o fervor
da música abrindo-o em alegria, a compensação útil
quando medita no árido sofrimento que vai no mundo.
Que gesto da experiência capaz de se fazer fecundo?

212

Escuta, suavemente comovido, as palavras cantadas
numa língua desconhecida, como se o desconhecido
fizesse uma intrusão no seu corpo. As deblateradas
sensações que pervagam a sua carne sobem ao ouvido
como um reconhecimento, tantas repetições amadas
ao longo dos anos, tanta sensibilidade sem sentido!
Da canção *Die Zwei blauen Augen*, na voz expressiva
de Frederica von Stade, compreende o que o cativa.

213

Há, nessa canção, como que um alívio, um descanso
do sofrimento humano. Há qualquer coisa, uma cava
melancolia, e na palavra *Nacht*, noite, há um manso
adormecer para uma paz ainda talvez possível, lava
contida na profundidade da carne. Pensa, que avanço
do inexprimível avança para a expressão, o que trava
esse saber? A morte? *Stiller Nacht*, noite silenciosa
capaz, talvez, de embalar uma sonolência luminosa.

214

Não saber o que se está a dizer na palavra pungente, que o empolga em sobressalto, *ade, ade*, repetida duas vezes! A música parece dar-lhe, numa inerente coerência, pistas, mas a língua alemã, ainda tida por ele, preguiçoso, como difícil, impede-o, frente a um real que não domina, de atingir o auge, a vida! Que fazer? Seguir, extrovertido de si, a voz mutante tauxiada na música como uma travessia caligante.

215

Ignora se é um êxtase, se é um ínstase! Não ignora que está a sentir. O quê, é uma incógnita! Um lento mexer de qualquer coisa faz-se realidade, demora como uma sensação que nunca foi percepção, isento atravessar onde não existe uma passagem, um fora ou um dentro, uma paralisação ou um movimento, uma hora capaz de ser tempo no tempo onde o devir não coincide com o ser nem com a ideia de porvir!

216

Mas o que mais o maravilha, criança intraduzível numa infância balbuciante, é repetir, de descoberta em descoberta, os sons finais da canção inteligível, *und, und, und*, isto é, se o que é é, *e, e, e*, aberta na perplexidade paroxística de uma presença audível que destrói qualquer ignorância, qualquer oferta que não seja apreender o incompreensível, o saber que se gera na frequência da língua do impoder.

217

Da língua que ama. Ama essa, musical e maternal, que protege ou deveria proteger a juventude exposta aos perigos da mais inexorável civilização material, que deveria inculcar em quem cresce a sábia resposta contendo a negação de uma riqueza que, de fraternal, nada tem. Que pressupõe apenas a crueldade, a aposta na exploração dos mais fracos, esses próximos tão afastados que mal se reconhece o que é uma ligação.

218

E eu, e tu, e ele, e todos os outros. Uma conjunção, dita copulativa, que nenhuma gramática do mundo contesta ou ousa contestar. *E.* Mas já a bela canção, num espasmo de silêncio, acaba. Acaba o errabundo discurso, uma vez mais, aqui mesmo. A interrupção só não é visível porque o tempo textual e profundo apaga-se, expungido, pela acção do espaço escrito a todo o custo para que a vida se faça história, mito.

219

A linguagem é uma mistificação. Que branco seria capaz de deixar em branco a ausência do parco fio em que se desenvolve um relato? Que livro desvia do olhar de um putativo leitor a falta de um desafio em que um narrador se compromete? Mas haveria uma desculpa para o indesculpável? Que desvario, que desrespeito? Mas aconteceu o que aconteceu. A vida tem sido um remoinho desde que se nasceu.

Recomeçar, sem dúvida, mas onde? E como? Sinto que nenhuma personagem resistirá a tanta miséria, a tanto desleixo narrativo. Vejo a suspeita, pressinto quase que ele não quer mais colaborar com a séria experiência da sua vida. Compreendo-o, não minto, o que aconteceu foi deplorável. Execrável. A matéria do que é não se compadece com vicissitudes disto ou daquilo, que lhe dizer para que se continue *isto*?

Não sei o que lhe dizer. Um mutismo quase humano percorre este desencontro, que fazer? A confiança, a confiança essencial para este empreendimento, ano após ano foi posta à prova, aprovaria eu esta dança de idas e vindas, este vaivém intempestivo, o plano de nenhum plano, ou só do acaso? Aceito a herança dos meus erros, da vida como a tenho vivido. Nada mais há a fazer, a dizer. Eis a aventura condenada.

Com um sofrimento extremo procuro o seu rosto. O seu rosto. Estaria eu à altura do que se passava, do que se passou, do que aqui se passa? O gosto da companhia era sincero, ouvi-lo e vê-lo rasgava em mim uma alegria quase amorosa, ele exposto à acção e à meditação num tempo que ultrapassava qualquer tentativa de fraude. Perdi-o. Ter-me-ei perdido? Quem conhece a realidade, o que é a lei?

223

Ele aparece e desaparece, esvai-se numa nebulosa de estranhos tumultos sonoros, esvaece num desmaio incompreensível, chamo-o, chamo-o na angustiosa dúvida em que me sinto, saio de mim, em mim caio, por que não me responde? Uma lágrima lacrimosa abeira-se dos meus olhos, ei-lo, olha-me de soslaio, mas por que não me responde? Nítido na evidência que é perfila-se sem fundo nem horizonte, ausência.

224

Impossibilidade. Como se, como se impossibilitado de ser, de vir a ser, a ser novamente. No seu olhar não há só incredulidade ou decepção, um inesperado brilho confunde-se com a distância, um desenterrar talvez de uma tentação, perdoar, perdoar o errado procedimento de quem procede sem aceder, lapidar e incomensurável, a uma verdade capaz de apogeu, de mundo, de existência. Será que eu sou ele, ele eu?

225

Será que se poderá, dentro dos limites da realidade, da vida, continuar esta aventura? Apesar de tudo? Apesar das promessas incumpridas? Se a verdade fosse humana! Se o compromisso fosse um escudo! Vejo-o, ouço-o respirar, mas onde? Que novidade é esta que me escapa? Que falar poderá ser mudo? Porque há uma voz, será dele? Que diz? Que cala? O espaço e o tempo destemperam-se, não há escala.

226

Estala uma urgência, qualquer coisa, um arremedo de vozes e de silêncios. Rodopios de uma alienada alucinação fazem do tempo espaço. Onde o segredo em que se perde, o porto em que se acha? De nada serve esta questionação inútil. E no entanto, a medo, algo irrompe, é ele, é ele! Vejo-o na indeterminada aparência do que aparece, do que se apresenta, eis finalmente o reencontro depois de hesitações cruéis.

227

Ajoelhado numa só perna, o Outono chegou, perto da casa solitária em pleno horizonte da terra, o mar ao fundo e em frente como se contivesse um incerto azul numa incerta distância capaz de atrair um olhar, (dele ou de qualquer outra pessoa), o espírito liberto, ele suspende-se e dissolve-se num tímido despertar para um mundo que o obceca, agora desconhecido, mudo, percorrido de contradições, incompreendido.

228

Sua mão direita esgaravata a terra, os dedos calosos sentem a presença de uma areia húmida, saibrosa, esmiúçam-na em sensações inexplicáveis, dolosos paroxismos de uma presença atinente à calamitosa experiência de um vivido. Pensamentos dolorosos esquecem porém a mão, os dedos, a areia nervosa que se esgueira para cair novamente no chão. Ver uma nesga do mar azul ao longe não o faz esquecer.

229

O quê? O que viu. Dias antes. Num hospital citadino entregue às vicissitudes dos acontecimentos. A tarde parecia não oferecer mais do que tempo, um destino sem argumentos metafísicos, um ir e vir sem alarde, um estar sendo, pessoas sentadas, em pé, um latino esvoaçar de vozes. Era a urgência. Mas o que é arde por vezes como um incêndio cobarde. Na mansidão da rotina uma ruptura, gritos, choros, a inquietação.

230

Um casal, simples seres humanos, irrompe na sala de espera vindo de dentro, desse mistério moderno, da azáfama do sofrimento, da doença, e como bala que não sabe de onde vem ou quem disparou, terno dizer para tão grande aflição, ao aparecer propala tal desconforto que muitos não ousarão do inferno duvidar da sua existência. A mulher, cambaleante, quase de rastos, agarra-se ao homem, bóia arfante.

231

O marido tenta levantá-la, abraça-a, diz-lhe mudas palavras de consolação, «não é possível, possível, não pode ser», berra chorosa a mulher, são agudas como farpas essas denegações, a cena indefectível não ocorre num palco. A vida, a morte. Tartamudas explosões paroxísticas, a fala advém inconcebível, quase monstruosa, trágica, apocalíptica, inumana. O sofrimento não tem língua, a língua só engana.

232

A mulher cai novamente, novamente o marido aflito levanta-a apertando-a contra si, que sucedeu? Fica a pergunta no ar como um silêncio incapaz. Contrito o bailado continua, que contemporaneidade edifica ou inventa uma música para tal evento? Um conflito de emoções tão desvairadas como este desmistifica qualquer criação artística. O real não é um gemido encenado na eclosão do mito, o real é apenas vivido.

233

Desaparecem. A noite avulta lá fora sem beatitude nem simulacro, ficam, sentados ou de pé, os demais, atónitos e confrangidos. A luz nada na decrepitude de um acontecimento, conversas, comentários, mais a indiferença feliz da preocupação, busca-se a saúde e a vida nos espaços salutareos dos novos hospitais, mas a morte não cuida de ilusões, a morte prospera, irrompe, deblatera, revela-se onde menos se espera.

234

Seis da tarde. Seis da noite. O Outono passa igual a si mesmo. Encostado ao balcão ele ignora ainda o que sentir. A sensibilidade deixou de ser pessoal em quem se julga existir, deve chorar ou rir? Finda o pensamento com um remorso aturdido. Diagonal de si mesmo não compreende o que sentiu. Infinda ambiguidade a do homem contemporâneo! Passar na indefinição de uma identidade, esse velho pilar.

235

Deixou, aparentemente, de haver um ponto de apoio. Nenhum mundo é mais mundo. A metáfora aparece e desaparece convicta de que está operacional. Foi-o durante muito tempo, hoje gravita nua no que perece, incapaz de se metamorfosear. Talvez o que foi joio possa ser agora vivido de outra maneira. A vida tece surpresas e contratos inesperados. Novas ideologias conjugam-se com novas necessidades, poréticos dias.

236

Apressado e cabisbaixo regressa à sala o presumido marido da senhora, atravessa-a e entra na profundidade de um corredor inacessível, onde irá? O destemido olhar ignora. Logo a seguir, sonâmbula, na surpresa que suscita, surge a mulher. Um corpo descomedido, desengonçado, maquinal, medonho, de uma incerteza carnal avança atrás de que em frente? Visão inaudita, o que é o verosímil, a verdade, que mundo periclita?

237

Mais robô que humano dilacera-se na insuportável monstruosidade que o desfigura, onde está a sofrida mulher de há pouco? Sozinha, na solidão intratável a que foi condenada, quem a habita? A desmedida fá-la fantoche, fá-la títere desarticulado, a inegável imagem do descabro avançando sempre na ferida. Será possível o impossível? Ei-la passando indefesa e proibida, efectivação fatal da perversa estranheza.

238

Tacteando um equilíbrio nos sapatos de saltos altos, descambando os pés, as pernas ignorando a anatomia do corpo humano, joelhos obrando ângulos e assaltos que desafiam, se não contrariam, a perfeita geometria do conhecimento matemático, os braços em ressaltos de uma arte marcial desconhecida, inaudita acrobacia para tão pétreo corpo, ela vai, ela passa na desgraça que a aflige e a tortura, desaparece no que a abraça.

239

Um choro sepulto fá-lo estremecer. Uma vergonha indescritível queima-o em quanto corpo é consciente. Nascer, morrer. Entretanto, viver. Sofrer. Enfadonha canção que o acompanha desde sempre. Depascente, ouve a lava que lhe sobe aos olhos. Que carantonha, que disformidade o desmascarará perante o ingente tumulto das emoções? Sereno e selvagem, apercebe o que não compreende: uma lágrima que o concebe.

240

Uma lágrima salsa, líquida, quente, atinge um olho. Um segundo de hesitação, a sensação boa e molhada de qualquer coisa que nasce ou renasce, um restolho. Estase. Escorrega agora numa queda suspensa, alada, a lágrima fraterna, uma cicatriz fendendo o escolho de uma barba de dias. Sente-se maresia na encalhada gota que atinge o queixo hirsuto, uma mão duvidosa não a deixa cair no conspurcado chão da sala ruidosa.

241

Sair de si para em si parir a humidade de um parto, de uma outra partida. Mas será possível? A paixão o que significa, o que quer dizer? Pudesse ele, farto de teorias e de argumentos, ouvir. Ouvir na lassidão em que vive, em que sempre viveu (cercado quarto que nunca abandonou por cobardia), a voz da ilusão fazer-se eco de uma existência, de um fático toque, de uma viva comunhão acima de qualquer remoque.

242

Talvez o que é, pensa, quer pensar, seja um acaso intermitente, descontínuo. Não dizem, as pensantes cabeças da época, que não há essência? Mas só azo para oportunidades de acontecimentos, alucinantes mimetismos mais ou menos hipotéticos? Um atraso do pensamento esperando que as ciências distantes descubram ou desvendam o que é ser-se universo? O saber luta todos os dias com o que está disperso.

243

Poderá ele, contudo, negar o mal que sentiu? Iludir uma ocorrência não é mentir? Algo se passou, amor maior que encontros de corpos ou de espíritos, vir da espécie à humanidade de um desconhecido, dor que o feriu como se o reconhecimento ousasse aferir uma aproximação, uma familiaridade no destemor visceral e antiquíssimo que ainda, inexplicavelmente, se perpetua no corpo, na carne, na alma ou na mente.

244

Levanta-se. Um sol vesgo dilui-se na terra, oceanos fazem o planeta azul, o céu imita-os, ou vice versa. Com a ponta do pé curioso, desloca uma pedra. Anos de vida sulcando sendas no terreno, quanta conversa mais ou menos inútil com a natureza, se os levianos desmandos da filosofia actual, em tudo controversa, ainda permitem tal conceito. Natureza, eternidade, essência, mundo, fenómeno, tudo perdeu a verdade.

245

Até a noção de verdade. Que dizer? A pedra exposta reveste uma forma. É um fóssil. Talvez um molusco. Que sabe ele? O que pressupõe é apenas uma resposta à sideral vastidão do tempo. Milhões de anos, brusco movimento da terra, acaso aleatório, e uma proposta à altura da sua ignorância. Vive-se já no lusco-fusco do planeta? Milhões de cataclismos fazem a camada onde se vive, onde se habita, onde nada resta do nada.

246

Quantos fósseis não desenterrou do segredo da terra? E quantas variedades? Vidas esgarçadas à vida, sim, e como se nada fosse! Vidas que a fortuna desterra para exílios sem regresso, mares que se vão, enfim, abandono de cadáveres num solo incestuoso. A terra pensar o que foi como o que será. Tudo é bom e ruim. A morte não é só humana. A vida não é só humana. Catálogo do eterno o que somos, o que nos irmana?

247

Inclina-se e recolhe o tempo objectivado. No suado bolso coloca o tempo. Sentindo na inexplicável mão que por acaso faz parte do seu corpo a forma, o lado misterioso das coisas. Desce pé ante pé a extensão de um minúsculo declive, árvores, chão, o desolado Outono já parece o Inverno. Desolado? A dimensão da língua nada mais é do que truísmos. O sol aflora no seu rosto como uma promessa cíclica que arvora.

248

As árvores quietas, as folhas desaparecidas, caídas na orvalhada erva que domina e atapeta o invisível solo. Não há beleza, não há fealdade. Desprotegidas, é o pensamento que lhe ascende à mente disponível, esperam a poda da estação. Ei-las, quase despidas, se o senso comum comunga de alguma inexequível verdade. Indiferentes talvez ao sol, à sua desmedida, desconhecendo quantos frutos poderão trazer à vida.

249

Serão todos bem-vindos. Apreciados. O amor pleno com que serão comidos, transformados em compota, não é um exagero retórico. Ele vê na fruta um aceno terrestre, uma excrescência bondosa, a oferta ignota que se contrapõe aos cataclismos, como um pequeno contributo para o equilíbrio da matéria. Não é idiota a experiência da raríssima felicidade. É um disperso prazer explodido de um desejo intenso e controverso.

250

Tanto trabalho que o espera, Janeiro vindo! Enxertos de árvores em árvores, as covas, umas vinte, abertas na terra húmida para receberem mais árvores, acertos na tentativa de uma geometria da razão, as incertas linhas sem régua, imaginadas perspectivas, apertos de indecisões, mais ao lado?, mais à frente?, alertas de uma consciência na expectativa louca de moldar a presença e a existência do que é num novo pomar!

251

E quantas gotas exsudadas libertando-se da cabeça inundada, gotas de um viscoso líquido, movimentos químicos tentando balançar e equilibrar a espessa harmonia do corpo entre o calor e o frio. Momentos de pausa intercalando-se com a ferocidade travessa que o atravessará, valerá a pena? Os óculos lentos feridos de um suor sujo, abrangente, uma cegueira que não é cegueira, o redor telúrico que se esgueira.

252

O mundo perdendo-se esvaído no que se ausenta e se furta, o mundo, e continuar, continuar até ver a tarefa cumprida, essas covas da esperança atenta que aceitarão o estrume extremo que dará de comer a jovens árvores, expressões de amor. Só lamenta ter esperado tanto tempo para fazer o que vai fazer. E só lamenta que hoje não possa ser amanhã. Sim. E só lamenta que amanhã não possa ser hoje. Sim.

253

Sim, sim, tudo deveria ser o seu contrário. Amante de paradoxos sente contudo uma modesta vergonha, a língua não coincide com a consciência, a hesitante consciência nunca se adaptará à língua. A medonha distância que vai do começo ao fim! A excruciante noção do incomensurável. Porque nunca, ele sonha tranquilo, nunca houve começo nem nunca haverá fim. Haverá sempre a espontaneidade do que é e há!

254

O tempo não é um fóssil, o universo será um espaço? Incapaz de pensar o impensável, ao acaso da senda que percorre, um olhar vígil adianta-se ao seu passo, que vermelho é aquele no limite do terreno? Fenda estranha desobedecendo ao verde ubíquo, estilhaço de quê? Aproxima-se. As silvas retiveram a prenda. O que é? Um papel esgarçado aqui e ali. Vermelho se considerado na sua totalidade: de quê o espelho?

255

De onde teria vindo, se o terreno é nua paisagem? Que vento o trouxe aqui? De que aldeia ou cidade? Consegue libertá-lo da vegetação. Da total imagem imagens se destacam. Objectos. De que sociedade? Da sociedade contemporânea. Vê. Uma montagem de fotografias ilustradas. Eis a mão da publicidade. Vê e lê. A modernidade tecnológica: iPads, iPods, iPeds, iPids, iPuds. Lição: Se os quiseres, tu podes!

256

Podes adquirir-los. São teus. Basta algum dinheiro. Basta pagá-los em prestações mensais. Se te falta o dinheiro, é claro. Nem todos vivem no passageiro desafoço, é verdade, mas tu tens o direito, ribalta onde dizem que vives, apesar de tudo. Prisioneiro de uma mentira comercial quem não se sente na alta atmosfera de uma ilusão, mesmo se precária? Tudo tem um preço. Como inventar para tudo um escudo?

257

Impossível. A humanidade ilude-se na monotonia da repetição mecânica. Rica da ideia de progresso não repara na pobreza circundante. Onde, ousaria talvez perguntar um pensador, começa o processo do homem, se não há nem homem nem nada? Ria quem puder do disparate. Não haver ainda o acesso a uma verdade que fosse realmente comum, geral, capaz de introduzir na realidade o génio universal.

258

Não haver uma paz sem espírito nem indesejáveis desejos, não haver uma mutação da carne terrestre, não haver anjos nem mensageiros nos inescapáveis escaninhos da matéria! Só há a extensão campestre que o envolve, a luz do sol esmorecendo, inegáveis irrupções da consciência frágil, frangível, pedestre. Não se cansa de repetir, a vida poderia ser diferente. O homem poderia ser outra coisa. Mas em que ente?

259

Ignora. Não sabe. Mas não é capaz de aceitar o nada, a impossibilidade do necessário. A prisão é um facto. Quisera pressentir que fosse uma miragem, a lufada de ar fresco de um pensamento em acção, num pacto. Nada. Não alcança. Poderia imaginar. Seria a cilada. Quantos não caíram em congeminções, mas intacto permaneceu o jogo das leis. O nada para ele é nascer. Viver cada dia que chega e parte sem o compreender.

260

Confusão de palavras e de linguagens e de lugares. Resta-lhe, improfícua e obscena, a folha incestuosa da contemporaneidade agressiva. Novos exemplares voarão, em poluições programadas, pela aventureira terra, chamadas e apelos da oferta em elementares necessidades de uma incessante procura. Manhosa maneira quando se sugere ou brama que a sociedade precisa de comprar o que a colmatará de venalidade.

261

Enojado e preconceituoso amarrota o nefasto arroto do negócio. Onde lançar essa bola maldita? A crise económica não economiza a crise! Como um garoto zangado faz menção de a lançar ao infinito, deslize que o real não lhe permite. Não, não lhe cai no goto o consumismo. Não haver nada que o neutralize! A diferença é abissal entre o peso do fóssil telúrico e o peso do mal que o sufoca num globo anfigúrico.

262

Triste, ecológico, tem que carregar na mão esquerda o papel amarrotado. Não lhe apetece mais o passeio intempestivamente interrompido. Vê na casa lerdia, entre as árvores e o canavial, um abrigo. É o asseio que almeja. Dirige seus passos para a opiante perda, ignorando o porquê desse sentimento. Não há receio nem angústia no que pressente, embora sinta a vida como um enigma, tristeza e alegria, mas sem saída.

263

Para quê? Não quer pensar no que pensa. Viver, ser, não se cansa de apregoar, de se aconselhar. Talvez a vontade seja apenas mais uma ilusão. Devia saber, por agora, quem é, que identidade se fez ou desfez. Todos os dias recomeça, todos os dias, no aparecer do que é, enfrenta um inflexível real, a cruel mudez. Todos os dias tem que se exaurir na procura sagaz de uma relação que lhe reconstrua a realidade fugaz.

264

Não é por acaso que o cansaço lhe é uma presença constante. Não é só o corpo que lhe pesa. O cansaço de ser desfigura-o em estilhaços de uma diferença inconsequente, que sucessão lhe outorgará o regaço de uma paz aprazível, amorosa? Viver a descrença não é uma tarefa. É um pesadelo. Onde um abraço que o retivesse, que o concentrasse na intensidade de um clarão capaz de o transformar em vivacidade?

265

Meditações estultas, desavindas. Contorna a piscina enquanto observa o azulado da água quase estático, ei-la, a paz, o grande mergulho no nada, a doutrina antiquíssima, o gesto vão. Foi no Verão. Simpático vislumbre da memória, foi no Verão. É uma menina de quase três anos que corre, percorre num extático soluço do tempo a distância que a leva, pelo espaço, ao calor do seu corpo erguendo-se para um abraço.

266

Um abraço. Uma efusão. Um corpinho palpitando depois de uma corrida frenética que o assombrou destruído em medos. E uma vozinha, dispersando qualquer perigo, dizendo, avô, avô, avô! Abraçou com um respeito inaudito pelo momento o brando espanto de ser para alguém alguém, um avô! Ou tudo não passou de um sonho? Não, uma afeição percorreu-o como um álaçre engulho, a perfeição.

267

Uma vida cingida a uma vida, a fragrância, o elo de um corpo incipiente alçado até à consonância de dois corações em peitos tão distantes, um belo presente do tempo que tudo apaga. Que distância ousará corromper o amor? Um minuto, o singelo percurso de um aquém a um além. Uma instância que durou enquanto nele uma profunda descida ao desconhecido lhe trouxe uma lágrima de vida.

268

As epifanias vivem da realidade. O real desobedece a qualquer intencionalidade humana. Como verdade, e não como um sonho, deseja que a acção recomece no inesperado sentir, revê esse corpo na intensidade do que cresce em movimento incoativo, desaparece por encanto o que o rodeia, ouve-a, a voz, igualdade de sons produzindo a palavra, avô, avô. A memória é um refúgio do que foi, a voz da perecível história.

269

Sofre, goza como se nada fosse o acusmático existir do que houve, essa corrida agora em câmara lenta, aproximando-se, aproximando-se, e depois, o abrir de braços, de ambos, uma surpresa, a alegria isenta de qualquer maldade, todo um mundo a descobrir, será esperança o que não é, não há? Agora ele tenta ser humano, possuir uma finalidade, mas que agora poderá repercutir a incógnita do único, dessa hora?

270

Sorri. Mas a mão esquerda queima-o. O amarrotado papel do futuro que espera a sua neta, essa miragem de uma felicidade feita de objectos, é o desesperado globo tentando sobreviver a todo o custo na imagem de um capital que não sabe mais ser capital. O lado obscuro da moeda nem sequer se abriga da dosagem de ganância em que se envolveu. Ser foi uma ideia incapaz de filosofia, de uma paz, ser é, foi uma teia.

271

Observa o azul da água, esse bem compacto, as canas perderam o verde da primavera, súbitos espantalhos incapazes de fazerem medo aos pássaros, desumanas manifestações dos ciclos e das estações. Que atalhos para se chegar a nenhuma meta? Que viáveis roldanas para uma efectiva mudança? Farto de ver enxovalhos em toda a parte, para toda a miséria que faz também de si um globo, medita a relação entre o mal e o bem.

272

Sobe as sóbrias escadas de tijoleira vermelha, passos repercutindo uma reminiscência de uma Califórnia há muito vivida, abre a porta exterior de vidro, escassos são os desejos de imitação no país empobrecido, está como sempre esteve, quase interdito, mas os traços do passado perdem-se na cultura local, quem saberá o que significa uma estadia no futuro? Comparando estados de civilização, alcances, o que foi e é quando.

273

Quando a casa exsudava o teor da madeira, o cheiro de sequóias centenárias, a natureza metamorfoseada pela acção dos homens em abrigo, casas, e no meio ele, ele que as viveu na estupidez de uma deslavada desatenção, não se saber nunca o que está de permeio entre uma experiência que poderá ser, se recordada, inolvidável, afago de um ilapso relapso, a reflexão do que foi perdido sem que houvesse uma exortação.

274

De quê? Ignora. A cozinha no seu branco meridional aceita-o numa indiferença de tijolo, abre uma gaveta, onde estará a caixa de fósforos? Procura, um animal acossado por uma ideia fixa, incendiar esse planeta que lhe caiu em cima, mas onde se encontra a sideral caixa, essa arma contra a ignomínia? Só vê a papeleta que lhe concita alguns engulhos. Nem tudo são rosas, diria o povo que se pensa eleito de poetas, de prosas.

275

Finalmente, a um canto do balcão que separa a sala de jantar (muitas vezes dito comedor) do verdadeiro espaço da cozinha, bispa num relance o que o abala: esses malfadados fósforos tão necessários ao ligeiro desamor que o açambarca. O mundo exige uma fala que seja também uma acção temerária. Estrangeiro de si próprio não acha estranheza no que vai ocorrer. Avança pelo salão como se fosse cumprir um dever.

276

Agacha-se. Abre o recuperador. Lança mansamente, num gesto avisado, o papel amarrotado sobre as frias cinzas amontoadas em crateras lunares. Docemente o globo abre-se na demanda de perculsas ideologias, de nada lhes valerá a violência. Uma mão dormente esfrega o fósforo na tira abrasiva, ei-las, as histerias piréticas da primeira chama tentando, periclitante, resistir ao torvelinho invisível do oxigénio presente.

277

Espera que a estreita madeira absorva a consistência, o calor bruxuleia nos seus dedos frios, o movimento desdobra-se na lentidão delicada que ateia a ausência de qualquer remorso, chega ao papel, sempre atento, o rubro azulado da pequena chama, toda uma ciência adquirida ao longo dos invernos. E depois, alimento da tensão que se desenrola, sente que o seu objectivo foi atingido. Arde fumegante de dor o raro explosivo.

278

Primitivo na sua humanidade desvela-se no espanto que sempre lhe proporciona o fogo, mas é a tristeza que em certo sentido o transfigura, ver sem encanto o globo incendiar-se no ruído da deiscência, leveza de um planeta sorvado, no cataclismo raro do canto, pelas forças gravitacionais de um sol perdido, proeza abissal do universo quando o acaso não prodigaliza nenhuma segurança, antes a atracção em que desliza.

279

Resta, improfícuo e incinerado, recente cinza, o valor de um ocidente desmedido. Levanta-se na imprecisa hora de uma missão cumprida, facha o recuperador, o vidro sujo de fuligem. Não apareceu uma pitonisa na acção que perpetrou. Homem onde a duvidosa dor o sulcou em seu corpo vário e agredido não profetisa nada que se possa comparar a um futuro. Despedido é o esboço de um sentido que se entranha, indevido.

280

No alto salão onde o frieza impera abeira-se, secular, da poltrona apontada para a portada sédula. A visão é de um sol quase absorvido pela noite. Nenhum lar o abrigará do seu destino. Nem haverá a destinação de que tanto pensamento hodierno se vangloria. O ar que respira leva-o a puxar de uma manta, estagnação dos sentidos no calor que se concentra na mudança do seu corpo. Um bem-estar alça-o à habitual dança.

281

Que é ser? Que é o ser? Medita. Os olhos investidos de mundo, pensa, o ser é a inata auto-reflexividade de uma existência, de um existir. Seria, destituídos os ecos da arrogância, um privilégio da humanidade. Existir é a confirmação, os preconceitos instituídos, pelos demais humanos, das presenças e da realidade dos demais seres humanos, mas também, insondável mistério, das coisas que pululam no incomensurável.

282

Haver é o que se apresenta como um tudo. Na tenaz forma de uma totalidade ou, já agora, parcialmente. O tudo engloba ou exterioriza um universo, que traz consigo a ideia de um infinito onde imanentemente pervagam as coisas e os homens. Mas não há, audaz ou *autrement*, um pensamento no que há. Indecente seria, da parte dele, ter descoberto as leis e a verdade que não existem na linguagem, domínio da vontade.

283

Como diria o outro, da vontade de poder. Pois haver e existir confundem-se na profundidade superficial e perfunctória das línguas. O paradoxo ínvio do ser não tem limites. O pensamento, tem-nos. O animal provido de inteligência que pretende pensar o poder do que é, há e existe, através da consciência factual ou da intuição tacteante, ignorará sempre, actuante, o ininteligível. A explicação nunca achará o distante.

284

Inacessível. O mistério é uma revelação impossível. O invisível calor que a manta propicia em contacto com o seu corpo sobe-lhe até ao olhar, a disponível visão do fora, ei-la, as canas quase silenciosas, acto de um facto real, que está acontecendo. Discernível perde-se, sereno, na audição acusmática de um jacto de sons advindos da canção ouvida ainda nesse dia, Baby Sugar, de Bob Dylan. O que é, é uma acalmia.

285

Mas a voz que o seduz, de uma memória inconcussa e sibilina, dispensadora, ao ponto de dispersar a vida em escaninhos de um absoluto, anímica escaramuça de uma contenda consigo mesmo, não canta uma ida a nenhum além. Barb Jungr oferece-lhe o que aguça os seus sentidos tantas vezes embotados: uma ferida.
*Every moment of existence seems like some dirty trick,
Happiness can come suddenly and leave just as quick.*

286

Any minute of the day, the bubble can burst... Nada, apenas uma bolha de sabão elevando-se, o segundo de alegria, a melodia, a colorida transparência alada e líquida, e depois a explosão, um mundo no mundo, uma bola, um simulacro, um planeta, a saída amada ou odiada para o nada. Uma bolha, o voo errabundo de uma felicidade talvez atingida no breve momento, chamam-lhe eternidade ao tempo de um pensamento.

287

Para quê? Ninguém se contenta com um fim. Levado pelo apelo da música, da canção, deixa-se ir, a morte talvez seja um sono, uma quentura, uma bolha, lado onde não há lados, casulo sem espaço, ideia da sorte que procura ser vivida mais do que um desesperado desejo de imortalidade. Caído na sonolência, suporte onde o corpo se acaricia, ferido de tanta consciência, ei-lo que adormece na harmonia, na tépida ausência.

288

Acorda. Onde a manta? Onde o fim do dia? A frieza circundante no salão desprotegido? O calor persiste, que se passa? Acordado, espreguiça. Vê a natureza pela vidraça da portada, a luz ubíqua. O sol consiste nas cores que lhe acenam em frente. Sente a leveza de uma estação: a Primavera. A tarde. Ainda existe, ele que vive, depois de uma sesta, depois do repasto, depois de algum vinho. A Primavera. Ser, que fasto!

289

Uma camisa de mangas curtas curtindo uma pele já bronzeada nos braços, a poltrona, as canas dançando em mimetismos de boas-vindas. Que força o levará ao recesso do tempo? A luz do fim de Maio ousando transformá-lo num ser humano. Quem desmentirá a existência de enigmas, de delírios? Quem, amando a vida, poderá dizer que tudo é vaidade, que tudo é mentira? Levanta-se, alcança-se, avança pé ante pé.

290

Toda a casa, reflectindo as paredes brancas, parece da atmosfera reter o seu fascínio, a sédula brancura onde corta o ar como um corpo da física, uma prece ao desconhecido da matéria que oferece uma cura, uma convivência, um convívio. É preciso que comece a fazer qualquer coisa. Dirige-se ao quarto, a soltura do calor perde-se num ligeiro arrefecimento, a feliz carícia abrindo os poros na pele, escritas de um giz.

291

O boné *made in* China empolga-se em simbologias da cultura americana, universidades onde por acaso colocou os pés. Haver profissões levam as analogias do humano aos lugares mais diversos da terra, prazo minúsculo de alguns dias, de algumas sessões. Dias onde a descoberta de ambientes concitava um atraso da consciência afeita a hábitos, como se o precioso estímulo das referências explodisse em pleno gozo.

292

Dirige-se à cozinha insuflada de sol, sorva um sumo retirado do frigorífico, tão bom sentir a carne ociosa inundar-se de uma sensação indefinível, o consumo de uma energia um pouco fictícia. Mas na especiosa determinação do caos contemporâneo haverá o rumo necessário para qualquer racionalidade? Na operosa meditação que o enerva abre a porta para o vermelho chão do pátio sobreaquecido, o sol fá-lo um espelho.

293

Tanto para fazer! O corta-relvas na sombra instável do alpendre, pronto para servir. Uma brisa abstrusa perpassa pela tarde, a piscina é uma tentação afável. Dar ou não um mergulho? A atmosfera numa difusa e quase imperceptível reverberação, mas o inadiável verde do relvado tem que ser domado, assim, intrusa no seu dever mecânico, a máquina acede ao tumulto da rebeldia da natureza perdida num sentido oculto.

294

Não se trata de uma superfície plana que a estética sensibilidade do ocidente exige como gosto, a visão estúpida de uma dominação sobre a natureza. Ética de uma mendicidade cultural. A pequena extensão nem é nem se pretende um quadrado. Só a patética exigência de jardins eivados de uma incompreensão fundamental se satisfaz com geometrias e segurança. Onde coloca a máquina sente-se que há uma aliança.

295

Trata-se mais de um minúsculo campo de golfe, ora imperceptíveis e abaulados crescendos, ora vigentes descidas dirigindo-se para a complexidade dum fora, o terreno por desbravar, as verdadeiras e moventes manifestações da terra. Tudo se movimenta, há hora em que o planeta descanse? O jardim e as diferentes marcas da vegetação primaveril contrastam, um odor da erva já cortada ascende-lhe às narinas. Que fulgor?

296

O saco do corta-ervas cheio, leva-o para o composto. Uma senda violenta o emaranhado das frágeis flores que cresceram em abundância. Terra! O olhar posto em redor descobre uma solitária papoila. Os pudores com que observa o achado. Sente a alegria no rosto encarquilhado pelo tempo. A emoção. Os clamores suspeitos de um corpo sem memória. Mas a história do que há não pode ser desmentida. Nem a sua glória.

297

Mas logo o seu olhar bispa, mesmo ao lado, tumulto de uma raiva telúrica, a pereira enfezada, quase nua de folhas. Sem um só fruto. Envergonhado, e inulto o crime perpetrado pelos rizomas das canas, faz sua a culpa. O seu desleixo. Vai ao anexo buscar, oculto pelos objectos das mil tarefas, uma enxada. Insinua seu corpo uma determinação que nem a consciência despreza. A árvore tem que ser salva. Com urgência.

298

Postergada a relva, o sol balançando no céu intruso, cheio de um fervor quase apocalíptico, vai, desperta a emergência de um dever insólito, direito ao abuso do canavial parasita. Com a enxada fere uma aberta ferida na terra ainda húmida. Mas quando, contuso com alguns golpes, o suor afluindo na pele, liberta do solo a carne dos rizomas, a lâmina é prisioneira desses corpos insidiosos. Retirá-la é uma canseira.

299

Mas persiste. Golpe após golpe desfaz a armadilha. Com esforço, os braços subindo e descendo, o suor queimando-lhe os olhos, uma furtiva dor na virilha, persiste. Insiste. O cerco subterrâneo, escarificador, fica a descoberto. Com a enxada, artístico, empilha os rizomas esfacelados na borda da cratera. Ablutor espasmo da consciência, sente-se, arfando, uma raiz liberta da exploração. Cansado da tarefa, mas feliz.

300

Vai, com passos titubeantes, abrir a torneira. Segura na mangueira que jaz sobre a relva. Fluxo precioso da água que, num arco deliberado, inunda a fundura do côncavo que explode no tronco erecto. Ruidoso prazer, ver a água embrenhar-se na terra, a tontura de uma orgia na plenitude da matéria, o maravilhoso acontecimento do acaso e da contingência, a união. Enquanto o sol, no céu azul, se expande num clarão.